UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO

FERNANDO EIDI YOSHIMURA

**Mapa das atividades circenses em Ribeirão Preto:
uma visão dos instrutores do circo**

Ribeirão Preto

2017

FERNANDO EIDI YOSHIMURA

Mapa das atividades circenses em Ribeirão Preto:
uma visão dos instrutores do circo

Dissertação de Mestrado apresentada à
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de Ribeirão Preto da Universidade de São
Paulo, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestrado em
Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Myrian Nunomura

VERSÃO CORRIGIDA

RIBEIRÃO PRETO

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura do autor: _____

Data: ____/____/____

Ficha catalográfica

Yoshimura, Fernando Eidi

Mapa das atividades circenses em Ribeirão Preto: uma visão dos instrutores do circo. Ribeirão Preto, 2017.

102 p.: il.; 30cm

Dissertação de mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, área de concentração: Educação.

Versão corrigida. A versão original encontra-se disponível tanto na Biblioteca da Unidade que aloja o Programa, quanto na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Myrian Nunomura

YOSHIMURA, F. E.

Mapa das atividades circenses em Ribeirão Preto: uma visão dos instrutores do circo.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À querida professora Myrian Nunomura, por toda sua paciência com esse orientado que iniciou na pesquisa qualitativa. Pela imensa contribuição pessoal e intelectual desde a graduação até o presente momento.

Aos meus pais, por todo apoio e suporte em todas minhas escolhas.

À Graziela, por me acompanhar nesse caminho, me confortar e me motivar em todos os momentos.

RESUMO

YOSHIMURA, Fernando Eidi. **Mapa das atividades circenses em Ribeirão Preto: uma visão dos instrutores do circo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

A partir da década de 1970 a prática do circo expandiu-se, assim como a disseminação de seu conhecimento para além das famílias de circenses inclusive com sua apropriação para fins sociais, recreativos e educativos. Esse trabalho criou um mapa das atividades circenses na cidade de Ribeirão Preto-SP sob o ponto de vista de onze instrutores do circo. A pesquisa foi de caráter qualitativo pautada na Teoria Fundamentada como método de pesquisa. Foram encontradas três grandes categorias, a saber: “Vivências da prática”, “Construção do Conhecimento” e “Dinâmica da Sociedade”, as quais influenciaram o “Ensino” desses instrutores, e que formaram o eixo central. Notou-se a origem do movimento circense na cidade pautada na escola de circo de uma família tradicional, a qual exerce grande influência nesse contexto. Dentre as inúmeras questões abordadas pelos entrevistados destacamos os meios de educação, a demanda social, as limitações, as referências, a filosofia de trabalho, as vivências de aprendizado e a forma de ensino. A articulação entre essas categorias gerou um conhecimento rico, que, se bem, apropriado, poderia beneficiar a formação de outros instrutores e, conseqüentemente, a qualidade da prática.

Palavras-chaves: atividades circenses, circo, ensino.

ABSTRACT

YOSHIMURA, Fernando Eidi. **Map of circus activities in Ribeirão Preto: a view of the circus instructors.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

From the 1970s, circus practice expanded, as did the dissemination of their knowledge beyond circus families, including their appropriation for social, recreational and educational purposes. This work created a map of circus activities in the city of Ribeirão Preto-SP from the point of view of eleven instructors of the circus. The research was of qualitative character based on the Theory Grounded as research method. Three major categories were found: "Experiences of Practice", "Knowledge Building" and "Society Dynamics", which influenced the "Teaching" of these instructors, and which formed the central axis. It was interesting to note the origin of the circus movement in the city based on the circus school of a traditional family, which exerts great influence in this context. Among the many questions addressed by the interviewees we highlight the means of education, social demand, limitations, references, work philosophy, learning experiences and the way of teaching. The articulation between these categories generated rich knowledge, which, if appropriate, could benefit the training of other instructors and, consequently, the quality of practice.

Keywords: circus activities, circus, teaching.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JUSTIFICATIVA.....	10
3 OBJETIVOS DO ESTUDO.....	11
3.1 Objetivo geral	11
3.2 Objetivo específico	11
4 REVISÃO DE LITERATURA	12
4.1 Breve histórico.....	12
4.2 Âmbitos do circo	14
4.3 Desenvolvimento científico.....	15
5 METODOLOGIA	18
5.1 Sujeitos.....	20
5.2 Coleta de dados	20
5.3 Análise de dados	21
6 RESULTADOS.....	24
7 DISCUSSÃO	58
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
10 ANEXOS	98
10.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	98
10.2 Questionário	101
10.3 Roteiro da entrevista	102

1 INTRODUÇÃO

A arte é uma expressão da experiência humana pela presença do corpo como elemento de intervenção e experimentação do mundo externo. No circo busca-se a transformação de um elemento cotidiano pela interpretação pessoal do artista por meio de técnicas circenses que utilizam o corpo e a motricidade como ferramentas (SOARES & MADUREIRA, 2005).

Apesar da incerteza da localidade de origem da manifestação circense, desde o seu início o circo apresenta registros de aspectos artísticos, corporais, políticos e militares. A princípio, os artistas se apresentavam em auditórios para entreter o público, entretanto, perderam espaço e formaram grupos de artistas nômades, que eram julgados como arruaceiros (PINES-JUNIOR, 2013). Esses grupos acabaram por constituir famílias, denominado circo tradicional ou familiar, o que contribuiu para que a disseminação de seus conhecimentos fosse realizada por meio da transmissão oral e familiar até os dias de hoje (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011).

Apesar dessa longevidade do circo tradicional, a partir da década de 1970 dissemina-se o circo contemporâneo, em que são reconstruídos conceitos desse circo perpetuado até então, desde o espaço físico à dinâmica do espetáculo. O surgimento desse circo é associado ao aparecimento de centros de ensino de circo para não familiares (DUPRAT, 2004; DUPRAT & BORTOLETO, 2007, SUGAWARA, 2008), que têm como objetivo além dos aspectos performáticos e artísticos, também os aspectos social, recreativo e educativo (BORTOLETO & MACHADO, 2003; DUPRAT & BORTOLETO, 2007; SACCO & BRAZ, 2010).

A disseminação da prática circense se intensifica a partir desse momento e fez com que os estudos acadêmico-científicos seguissem o mesmo caminho, o que aumentou consideravelmente a partir da década de 1990 (ONTAÑÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012; KRONBAUER & NASCIMENTO, 2013). Diversas pesquisas demonstram benefícios das atividades circenses nos mais diferentes contextos. Takamori et al. (2010) relatam em seu estudo que crianças de seis a quinze anos de idade que participaram de atividades circenses apresentaram melhoras na postura, no comportamento, na cooperação e na autoestima, além de proporcionar inclusão social, criatividade e autonomia. Na mesma direção, Costa, Tiaen e Sambugari

(2008) também verificaram o aspecto inclusivo das atividades circenses, além de comprovarem o estímulo ao desafio e a maior motivação dos praticantes.

Outro estudo ainda demonstra que o tecido acrobático reduz os níveis de estresse pela necessidade de concentração, expressão corporal e conexões físico-emocionais durante a atividade, além de proporcionar momentos de prazer e orgulho ao praticante, o que melhora a sua autoestima e o enfrentamento de dificuldades (GARIJO; IORIO; ALBERGARIA, 2011). Entretanto, a área ainda carece de mais estudos dentre sua profundidade, ampla extensão de possibilidades e problemáticas (DUPRAT & BORTOLETO, 2007; ONTAÑÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012; SILVA et al., 2014). Torres (2015), por exemplo, demonstra isso quando apresentou dificuldade em encontrar materiais teóricos e metodologias para aplicação e elaboração de aulas com acrobacias coletivas. Além disso, a divulgação de materiais que auxiliem a docência e o aprimoramento de conhecimentos circenses torna-se necessária para melhorar a qualidade dos instrutores (DUPRAT & BORTOLETO, 2007; BORTOLETO, 2008).

A cidade de Ribeirão Preto detém um destaque nacional, localizada a 303km da capital, a nordeste do estado de São Paulo, tem uma população estimada de mais de 670.000 habitantes, segundo IBGE (2016), situando-se entre os 30 maiores municípios brasileiros, dentre os 5570 existentes. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,8, maior que a média nacional e estadual. Além do mais é uma Região Metropolitana (Região Metropolitana de Ribeirão Preto), composta por 34 municípios compondo o 27º PIB brasileiro (IBGE, 2016).

Dessa maneira, verificou-se a profundidade da temática, além do crescente interesse da sociedade por essa prática, este último aplicado nos mais diferentes contextos, baseado também no espetáculo e na profissionalização artística. Estudos na área pode aprimorar a prática e aproximá-la à sociedade, seja para praticá-la ou atuar como instrutor. Além disso, entender o contexto em que essa prática se insere é parte fundamental desse processo.

Vide a relevância do município de Ribeirão Preto, em esfera estadual e nacional, e na tentativa de contribuir para esse aprofundamento sobre o circo, mapear as atividades circenses nesse espaço pode ser de grande valia para políticas públicas e futuros estudos. Não foi encontrada qualquer referência científica que embase ou descreva como a prática das atividades circenses está inserida no município de Ribeirão Preto, o que gerou a seguinte dúvida: como isso poderia ser descrito?

2 JUSTIFICATIVA

O crescimento e a disseminação da cultura circense em âmbito nacional, motivou estudos e pesquisas acadêmicas além do interesse da sociedade nos diferentes contextos e benefícios das atividades circenses. Entretanto, devido a profundidade da temática, essa demanda parece não ser acompanhada pelo número de profissionais qualificados, materiais e espaços para a instrução das atividades circenses na cidade de Ribeirão Preto.

Assim, seria possível contribuir para o aprofundamento do objeto de estudo entendendo essa relação a partir de uma ótica e talvez sugerir caminhos para o incremento da prática, bem como propor resoluções de possíveis problemas e dificuldades encontradas nesse contexto.

Além disso, a atividade circense pauta-se na espetacularização do risco e do desafio, como descreve Bolognesi em uma entrevista feita por Matheus (2016), o que torna todo o processo de ensino mais importante, inclusive seu método, para se evitar acidentes, seja qual for sua finalidade, artística, social, recreativa ou educativa.

3 OBJETIVOS DO ESTUDO

3.1 Objetivo geral

- criar um mapa das atividades circenses na cidade de Ribeirão Preto sob o ponto de vista dos seus instrutores.

3.2 Objetivo específico

- descrever características e relações do mapa das atividades circenses na cidade de Ribeirão Preto

- investigar quais aspectos do ensino são relevantes de acordo com instrutores de atividades circenses

4 REVISÃO DE LITERATURA

Antes do prosseguimento dessa etapa é importante elucidar que, em decorrência da abordagem metodológica adotada, o objetivo dessa revisão de literatura é contextualizar a realidade estudada. Isso devido a não haver uma preocupação em comprovar um teoria em determinado recorte, ou seja, não se enquadrará os resultados obtidos em qualquer teoria existente, como explicado no tópico 5 (Metodologia).

4.1 Breve histórico

O circo é uma das manifestações artísticas mais antigas do mundo e seu desenvolvimento acompanha o processo histórico da sociedade desde os primórdios (SOARES, 1998).

O circo moderno nasce no final do século XVIII, quando Philip Astley, ex-militar, incorpora acrobatas, artistas de pantomimas, dançarinas e palhaços, para atrair maior público nos espaços circulares onde aconteciam, a princípio, apenas apresentações equestres. (PINES-JUNIOR et al., 2013).

Com características militares em sua organização, desde a uniformização até o comando para condução da apresentação, o circo moderno se difunde por toda a Europa (TORRES, 1998) e, posteriormente, para outros continentes, como nos Estados Unidos, onde surge o “circo de lona” que permite se desvincular de anfiteatros fixos para as apresentações (DUPRAT, 2007).

Fundamentado no picadeiro circular, o circo moderno é denominado clássico ou tradicional e mantém suas características: sucessão de números sem uma ligação lógica entre eles; apresentações fundamentais, como clown, malabarismo, acrobacias, equilíbrios, adestramento de animais, dramatização da apresentação, como a presença de erros propositais e pedidos de aplausos; e ausência de texto, não havia enredo e o foco estava na apresentação técnica (CUNHA, 2010).

Apesar desse circo moderno clássico ter remanescido até os dias de hoje, uma nova vertente surge a partir de viés político, com a Revolução Russa, a fim de

exaltar a supremacia corporal (BOLOGNESI, 2010). Nesse contexto o circo é nacionalizado e cria-se o Curso de Arte do Circo em 1927 enviesado na excelência técnica da acrobacia, que motiva os demais países e inicia-se um novo modelo de formação de artistas diferente do realizado até então, apesar de ficar restrito até a década de 1960. A formação fora da lona viabilizou a expansão das relações trabalhistas com artistas circenses formados nas escolas contratados pelos próprios circos tradicionais (SILVA & ABREU, 2009), o que diferencia na produção e realização do espetáculo, sendo o artista apenas um executor da sua performance (BOLOGNESI, 2003).

Essa nova vertente designada circo contemporâneo ou circo novo tem maior difusão a partir da década de 1970 e reconstrói os conceitos circenses daquela antiga conjuntura. O foco se direciona para o homem em si e os animais saem da cena principal; o espaço físico extravasa a lona circular e ambientes diferentes são explorados; um enredo é inserido nas apresentações circenses aproximando-o do teatro com a utilização de narrativa de uma história ou de espanto poético, o que permite a criatividade e a inovação; a nova estética se aproxima da dança, cinema, música e artes plásticas, pois não possui características fundamentais e gera novas visões baseadas nas técnicas e ideologias circenses (CUNHA, 2010).

Essas alterações são demandadas do próprio público espectador que sofre mudanças de valores decorrentes de mudanças culturais e sociais (TUCUNDUVA & MOLINARI, 2010). Nessa nova visão artística, o espetáculo não se pauta mais na perfeição técnica, mas na liberdade criativa que gera a desconstrução dos conceitos e o pensamento reto do mundo externo (SOARES & MADUREIRA, 2005).

Além disso, novos espaços de ensino-aprendizagem são constituídos e divulgados no meio circense, sendo eles as escolas profissionalizantes (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011). Isso ocorreu devido à tendência de aparecimento de uma nova geração de artistas que, não necessariamente, provém de uma família circense (DUPRAT, 2004; DUPRAT & BORTOLETO, 2007, SUGAWARA, 2008). Esses centros de ensino do circo contemporâneo tem em sua origem apenas a técnica acrobática como foco e não a formação do indivíduo como todo, ou seja, há perda da coletividade do processo de ensino-aprendizagem e aspectos sociais, culturais e históricos perdem a relevância num primeiro momento do circo tradicional (BOLOGNESI, 2003).

Em 1974 surge o primeiro centro de formação na área circense na França, a Escola Nacional de Circo Annie Fratellini e, dez anos mais tarde, o Centre National des Arts Du Cirque (CNAC). No Brasil, em 1977, a Escola Piollin, é criada em São Paulo, e em 1982 é criada a Escola Nacional do Circo (ENC) no Rio de Janeiro. Esse processo fez com que o ensino do circo fosse democratizado para uso profissional ou não (DUPRAT & BORTOLETO, 2007).

4.2 Âmbitos do circo

Concomitante ao aparecimento dos centros de ensino circense, as escolas de circo, apesar da sua origem pautada na técnica e no aspecto artístico, outros objetivos são elucidados e o circo ocupa diferentes circunstâncias e espaços, abrangendo aspectos sociais, de lazer e de condicionamento físico de maneira dissociadas, diferentemente do processo no circo tradicional (BORTOLETO & MACHADO, 2003; DUPRAT & BORTOLETO, 2007; SACCO & BRAZ, 2010; DUPRAT, 2014).

Na década de 1990 surge o "circo social" conceituado por Perim (2010) como:

"Circo social é a articulação dos processos de ensino e aprendizagem da cultura das artes e habilidades circenses associada a conceitos pedagógicos, dando forma a metodologias de educação não formal que utilizam os fatores de "risco" e "sedução" do circo como elementos centrais de atividades que propiciam a crianças, adolescentes e jovens, especialmente, os de classes e territórios populares, o desenvolvimento de suas múltiplas potencialidades, a elevação de sua autoestima, a construção da sua autonomia e a ampliação do seu exercício pleno da cidadania" (PERIM, 2010).

Uma pesquisa (HASSAN, 2016) pautada em percepções e vivências de educadores sociais, utilizou-se do circo social como uma possibilidade, para crianças e adolescentes de classes populares, de construção de uma nova prática educativa, uma prática reflexiva. Isso permitiu uma nova compreensão do mundo e da própria percepção desses praticantes, ressignificando os conceitos, se tornando críticos e criativos.

Por outro lado, em outro estudo que comparou crianças entre 6 e 11 anos de idade participantes de um projeto social denominado Circo da Vida, com crianças que não participavam do projeto, baseado em um questionário de sócio-demográfico e escala de avaliação de qualidade de vida (MIRANDA et al., 2012). Apesar da inserção das atividades circenses os pesquisadores não encontraram diferença significativa entre as crianças. O estudo apesar de não favorecer o circo social pode demonstrar a limitação de sua metodologia, de modo que as questões mais cruciais dessa interação com o circo pode não ser captada pelo escala adotada.

A potencialidade lúdica é referida em diversos trabalhos, como por De Gaspari & Schwartz (2007), na qual apresentam alguns resultados obtidos de um curso de extensão universitário da UNESP de Rio Claro, com participantes entre 18 e 25 anos de idade, e ressaltaram o componente lúdico e prazeroso além das trocas interpessoais. A partir de outra manifestação do circo Fernandes, Ribeiro e Bortoleto (2016) exaltam os encontros circenses em espaço público com trocas de experiências entre os participantes e apresentações como meio de propagar a arte do circo, a cultura e o lazer. Oliveira (2008) relatou como uma motivação das atividades circenses o divertimento e lazer em praticantes de academias de São Paulo.

O condicionamento físico e preparação corporal também é mencionado por diferentes estudos. As atividades circenses são sugeridas por Tucunduva e Pelanda (2012) como meio de promoção à saúde e condicionamento físico a seus praticantes. Ao analisar o perfil dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de tecido acrobático na cidade de Campinas foi verificado que a questão do condicionamento físico foi citado como motivo da prática pelos alunos entrevistados, sendo entre 18 e 34 anos a média de idade (SOARES & BORTOLETO, 2011), assim como Oliveira (2008) relatou nos praticantes de atividades circenses em academias de São Paulo.

4.3 Desenvolvimento científico

Ainda a partir da década de 1990 os referenciais teóricos têm crescido de maneira considerável (ORTAÑÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012; KRONBAUER &

NASCIMENTO, 2013). Entre artigos, capítulos de livros e livros há vasta diversidade de áreas como história (SILVA & ABREU, 2009), artes cênicas (BOLOGNESI, 2003), educação física (BORTOLETO & MACHADO, 2003) e segurança (FERREIRA, BORTOLETO, SILVA, 2015) são alguns exemplos, sendo que a maior parte desses referenciais tangem procedimentos técnicos-pedagógicos (ORTAÑÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012). Por outro lado, em relação a teses e dissertações sobre o tema “circo” a maioria retrata circo-teatro e história do circo, menos de 10% das teses e dissertações tratou da pedagogia das atividades circenses (KRONBAUER & NASCIMENTO, 2013).

Silva e Abreu (2009) busca em seu livro "Respeitável público... o circo em cena" contextualizar o aspecto histórico, artístico e social do circo, incluindo no Brasil. Os autores caracterizam o circo, suas relações de trabalho e a transmissão do saber ao longo do tempo.

No livro Palhaços (2003) Bolognesi tem como foco principal a análise do circo de uma ótica das artes cênicas. O autor acumulou registros ao visitar diversos circos de diferentes regiões que focam o palhaço no Brasil, o que culminou na obra citada que discorre a parte histórica do circo, passando pelo enfoque na arte clownesca e por fim citando e descrevendo algumas esquetes usuais desse segmento.

Bortoleto e Calça (2007), com o objetivo de orientar profissionais que desenvolvem a prática do tecido circense nos mais diferentes contextos, elucidam os diferentes tipos de tecido, bem como suas amarrações. Eles descrevem técnicas e movimentos no tecido acrobático e pontuam como são feitas e progressões a partir deles. Da mesma maneira e também envolvendo o tecido acrobático, Sugawara (2008) tem como objetivo apenas descrever a parte técnica dos movimentos e das figuras para corda lisa e tecido acrobático, assim se atenta a quais movimentos e momentos que eles devem ser realizados para que figura em questão seja formada ou mesmo um movimento de subida ou descida. Duprat e Bortoleto (2007) ilustram o processo didático-pedagógico e descrevem diversas atividades malabarísticas para alunos da educação fundamental.

O aspecto técnico-pedagógico também é retratado nos livros organizados por Bortoleto (2008; 2010). Após breve descrição da modalidade em foco são descritas as considerações pedagógicas e aspectos técnicos de cada acrobacia.

Outra abordagem do ensino das atividades circenses foi sua inserção no âmbito escolar, sendo pontuadas duas justificativas: o aspecto da arte do circo,

quanto à sua história e cultura; e o potencial lúdico, estético, motor e educativo (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011; TORRES, 2015). A atividade circense propõe a alta variedade de movimentos e ações corporais, o que enriquece o repertório motor e cultural, e torna coerente a sua inserção na Educação Física (DUPRAT & BORTOLETO, 2007).

As atividades circenses no cenário escolar não representam uma possibilidade para a formação artística, mas uma oportunidade de vivência e experiência de novas formas de expressão e conhecimento, e ainda, formação pessoal e coletiva da expressividade corporal e valores humanos (DUPRAT & BORTOLETO, 2007; BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011). Por exemplo, Torres (2015) demonstrou que as acrobacias coletivas aplicadas em alunos do segundo ano do ensino médio possibilitou o desenvolvimento de capacidades físicas e ainda de relações interpessoais, como cuidado, respeito, inclusão e cooperação.

Ferreira, Bortoleto e Silva (2015) fazem uma obra de suma importância para o campo circense a respeito da segurança. Intitulada Segurança no Circo: questão de prioridade a obra discorre sobre os conceitos de risco, acidente e segurança do circo, citando alguns acidentes, características de equipamentos, recursos tecnológicos e aparelhos usuais e ideais, bem como as responsabilidades legais e algumas ferramentas para se melhorar a segurança para profissionais e praticantes. Apesar da relevância da temática ela é pouco tratada por profissionais, artistas, pesquisadores e autoridades.

Essa transição de demanda dos conhecimentos circenses aparenta ser desacompanhada pela qualificação e preparação adequada dos profissionais que atuam nessa área como educadores e instrutores. Além disso, é descrito que esses profissionais não possuem especificidade de seu público, atividade, espaço e objetivo a serem abordados no ensino (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011), o que pode dificultar todo o processo de transmissão, ensino-aprendizagem e propagação desse campo.

5 METODOLOGIA

Dentre as possibilidades de métodos qualitativos, optamos pela Teoria Fundamentada, ou "*Grounded Theory*". As principais referências para a construção do método foram Glaser e Strauss (2007), Strauss e Corbin (2008) e Charmaz (2009). Apesar de amplamente aplicadas nas áreas de Enfermagem e Psicologia, em Educação Física e Esporte ainda são restritos estudos dessa natureza, tanto no contexto internacional como nacional.

Nos EUA que a Teoria Fundamentada foi desenvolvida, na década de 60, criada por Glaser e Strauss. Os autores foram influenciados por diferentes escolas, a Universidade de Columbia e de Chicago, respectivamente, e que se manifestaram na concepção do método.

O método quantitativo era o expoente no dado momento histórico, enquanto o aspecto qualitativo era considerado tendencioso, subjetivo e assistemático. Assim, Glaser e Strauss a fim de compreender o processo de morte em hospitais julgaram a abordagem qualitativa a maneira mais eficiente para se atingir tal objetivo.

Dessa maneira, uma teoria baseada em dados coletados, ao contrário de hipóteses analisáveis por meio de teorias pré-existentes foi constituída pelos autores. Em 1967 a obra contrária ao paradigma dominante apresentou estratégias sistemáticas para a condução de uma pesquisa qualitativa.

A Teoria Fundamentada é, por definição, uma metodologia cujo objetivo é construir a teoria a partir dos dados (STRAUS & CORBIN, 2008). Com isso, o pesquisador não tem uma teoria pré-formulada como ponto de partida, entretanto, ela emerge dos dados coletados a partir de procedimento metodológicos. Os métodos empregados possibilitam perspectivas diferentes dos dados coletados, o que auxiliaria na condução, no controle e na organização da coleta, além de possibilitar a análise original dos mesmos.

A Teoria Fundamentada orienta o processo de pesquisa a partir de uma série de diretrizes, adotadas e adaptadas de acordo com cada estudo. Durante o desenvolvimento de pesquisas com esse delineamento metodológico a coleta e análise de dados ocorrem simultaneamente, de maneira que as coletas de dados sofrem influência direta da análise. Os dados podem ser gerados através de entrevistas, questionários, observações e documentos.

Pontos importantes a serem considerados no método da Teoria Fundamentada são: a definição da população e a revisão de literatura, pois diferem do usualmente encontrado nas pesquisas qualitativas e quantitativas.

Na Teoria Fundamentada, o número de sujeitos que fará parte da pesquisa não é estabelecido. A análise da primeira coleta de dados determinará os dados que serão coletados em sua seqüência. Apesar disso, o perfil dos sujeitos é importante que seja estabelecido antes do início da coleta. Esse grupo que inicia a pesquisa é denominado de amostragem inicial. No presente estudo, a amostragem inicial foi composta por instrutores de atividades circenses atuantes na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo.

A revisão bibliográfica é adiada, sendo outra particularidade da Teoria Fundamentada. Strauss e Corbin (2008) e Charmaz (2009) justificam que para que se tenha uma análise independente os dados não devem ser observados por meio de idéias e teorias já concebidas. Dessa maneira, ao protelar a revisão bibliográfica, há espaço para que articulemos nossas próprias ideias (CHARMAZ, 2009).

Apesar disso, não é possível iniciar uma pesquisa sem um conhecimento sobre sua temática, contudo, é importante que conceitos iniciais não distorçam a realidade a ser estudada e, tampouco, que o pesquisador adentre o campo com determinadas expectativas e formulações prévias. Logo, o pesquisador não deve ser equiparado a uma “tábula rasa” sem quaisquer referências, mas necessita que elas não interfiram no processo (WEED, 2008).

No mesmo sentido, Strauss e Corbin (2008) reiteram a importância de certo distanciamento das informações advindas da literatura pelo pesquisador. A limitação da realidade, bem como repressão da criatividade no estabelecimento de conceitos e categorias pode ser evitado, por exemplo. Por conta disso, não é recomendado o início da coleta e análise de dados motivados por referenciais teóricos existentes.

No entanto, manter esse distanciamento de teorias existentes é algo muito complexo. A própria elaboração de um projeto de pesquisa, por exemplo, exige que o estudo apóie-se em determinado construto teórico. Mas, consideramos que a teoria situa o problema de pesquisa no tempo e no espaço. Assim, é necessário atenção durante a coleta, a análise e as discussões dos dados, a fim de evitar pré-conceitos que a influenciem e guiem o processo.

Charmaz (2009) sugere que a postura mais adequada ao longo do processo de pesquisa seja manter a criticidade sobre as teorias anteriores e cita (p.223):

“Considere a hipótese de tratar os conceitos existentes como problemáticos e, então, observe até que ponto as suas características são vividas e compreendidas, e não como figuram nos livros-texto”.

Esse trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, em sua 22a. reunião do dia 29/06/2016, sob o CAAE: 51979415.8.0000.5659.

5.1 Sujeitos

A amostragem inicial ocorreu com três instrutores de atividades circenses e a coleta de dados terminou com o décimo primeiro entrevistado. Os critérios de inclusão foram: maiores de 18 anos; e atuantes na cidade de Ribeirão Preto. A expansão de centros de ensino de atividades circenses proporcionou número significativo de sujeitos com o perfil desejado para o presente estudo. O número de participantes foi definido pelo número de pessoas que se voluntariam e se enquadraram no perfil do sujeito desejado. A escolha dos sujeitos ocorreu de forma aleatória e de acordo com a disponibilidade dos participantes. Os sujeitos serão identificados pela letra “E” e número.

5.2 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário e entrevista semi-estruturada com onze instrutores de atividades circenses atuantes na cidade de Ribeirão Preto.

A entrevista intensiva, de acordo com Charmaz (2009), é a mais adequada para o método da Teoria Fundamentada, pois permite alto grau de detalhamento sobre um tópico ou experiência, o que é útil para a investigação interpretativa. A autora lembra que as perguntas realizadas pelo entrevistador permitem que o participante descreva e reflita sobre suas experiências e extraia perspectivas sobre o mundo subjetivo desta pessoa.

As perguntas para esse tipo de entrevista devem ser amplas e abertas, o que possibilita que sua resposta tome diferentes desdobramentos. Nas entrevistas realizadas o entrevistador fez questões complementares e solicitou aprofundamento das respostas para abordar questões relevantes à pesquisa, como sugere a autora.

O questionário coletou informações pessoais e do local de ensino (tópico 10.2. QUESTIONÁRIO). A entrevista teve início com a seguinte frase: “Conte-me sobre suas experiências com as atividades circenses”. Houve um roteiro com pontos de interesse, caso o entrevistado não esgotasse o tema na resposta inicial (tópico 10.3. ROTEIRO DA ENTREVISTA). Apesar de Charmaz (2009) frisar que uma única pergunta poderá ser suficiente para todo o procedimento nesse tipo de entrevista nesse estudo perguntas auxiliares foram realizadas pautadas no roteiro. Isso possibilitou melhor fluidez da entrevista, assim como da coleta de dados.

As entrevistas foram realizadas em local privativo, que pôde ser na residência, no local de ensino ou em outro local plausível e conveniente, de acordo com a disponibilidade e preferência dos entrevistados, sendo devidamente gravadas pelo aplicativo “Voice Memos” contido no aparelho Iphone 5S da Apple e transcritas integralmente no software Pages da Apple. As entrevistas tiveram em média duração de 20 a 25 minutos.

As entrevistas foram realizadas em blocos de três entrevistados, ou seja, em um curto espaço de tempo, usualmente uma semana, três sujeitos eram entrevistados. Essas entrevistas tinham sua análise iniciada e posteriormente outro bloco de entrevistas era realizado. Assim, a coleta e análise dos dados ocorreram de maneira concomitante, como sugere Charmaz (2009). Houve retorno a alguns entrevistados, principalmente aqueles iniciais, pois com o decorrer das análises, os aspectos que não haviam sido tratados nesses precisaram ser retomados.

5.3 Análise de dados

O processo de análise teve início a partir da primeira coleta e consistiu em alguns momentos, que não ocorreram sempre nessa ordem:

a. Microanálise: trata-se de análise minuciosa dos dados brutos, pode ser chamada como análise “linha a linha” e ocorre, usualmente, no início do processo de

análise, mas pode ser retomada pelo pesquisador em momentos posteriores, caso seja necessário. Charmaz (2009) ressalta que a codificação linha a linha permite perceber, sob nova perspectiva, algo ora conhecido.

b. Codificação aberta: inicia-se o processo de estabelecer conceitos que nortearão as categorias que, mais adiante, participarão da construção da teoria. Segundo Strauss e Corbin (2008) nessa etapa os dados são “separados em partes distintas, examinados e comparados rigorosamente, em busca de semelhanças e diferenças”. Agrupamentos com conceitos mais abstratos começam a ser formados a partir de semelhanças conceituais ou de significados, ou seja, as categorias e as subcategorias. Podemos dizer que as categorias representam um fenômeno em si e as subcategorias respondem questões sobre esse fenômeno.

c. Codificação axial: nesse momento da análise as categorias e subcategorias são relacionadas (STRAUSS & CORBIN, 2008). Charmaz (2009) destaca o reagrupamento dos dados da microanálise que foram fragmentados, dando coerência à análise.

d. Codificação seletiva: as categorias passam e se integram em torno de um eixo, que dará embasamento a teoria emergente. Esse eixo pode ser chamado de categoria central, e acaba por contemplar todas as outras categorias, bem como suas variações.

e. Validação do esquema teórico: nesse ponto a teoria é posta à prova, para verificar se condiz com os dados coletados. Isso pode ser feito de duas maneiras. Retornando aos dados brutos e conflitando com a teoria proposta, ou apresentando a teoria para os sujeitos, que devem se reconhecer na teoria. No caso desse estudo foi realizada a retomada dos dados conflitando com a teoria proposta.

Lembrando que é necessária a postura questionadora e analítica do pesquisador durante todo o processo de organização e análise dos dados. Isso pode ser evidenciado por memorandos (registros dissertativos) e diagramas (registros visuais), que são registros de análise e direcionamento para o pesquisador. Charmaz (2009) salienta que os memorandos podem ser redigidos em linguagem informal e sem preocupações com o estilo e a forma do texto por caracterizar-se como a manifestação de pensamentos do pesquisador. Posteriormente, a integração da forma refinada dos memorandos resultará no relatório final da pesquisa.

Para se manter a postura questionadora e analítica citada é necessário que o pesquisador evite “forçar” seus dados em códigos e categorias preconcebidos, ou

seja, não induza seu dados, podendo ocorrer desde a coleta de dados e não só na análise. Reforçando o fato que todo pesquisador é estabelecido por pré-concepções, porém de modo que não distorça o modo de compreensão dos fatos e dados.

Conforme citado, a coleta de dados na Teoria Fundamentada inicia-se com a amostragem inicial, contudo pode haver necessidade de maior detalhamento ou refinamento de determinada categoria, mesmo após o processo de codificação e categorização. Nessa circunstância, há possibilidade de solicitar a amostragem teórica, grupo de sujeitos para auxiliar nessa tarefa. Charmaz (2009) enfatiza que o objetivo dessa amostragem é obter dados que auxiliem o pesquisador a explicar as categorias pendentes, e não a simples aumento do número de sujeitos para que os dados se tornem generalizáveis.

Por conseguinte, nesse tipo de pesquisa é imprescindível que a coleta e a análise dos dados ocorram quase que simultaneamente, pois o caminho da coleta a ser seguido depende da análise de dados anterior a esta. No presente estudo, por exemplo, a amostragem inicial foi formada por três instrutores de atividades circenses e foram coletados dados até o décimo primeiro. No entanto, de acordo com a análise dos dados foi necessário retornar para alguns dos sujeitos que foram entrevistados, a fim de obter mais informações sobre determinadas categorias, principalmente aqueles da amostragem inicial. O fato ocorreu, pois as categorias geradas posteriormente não foram contempladas no seu discurso inicial.

6 RESULTADOS

A partir dos questionários aplicados foi possível evidenciar os seguintes dados alocados na Tabela 1.

Tabela 1. Dados obtidos a partir dos questionários aplicados aos entrevistados.

Sujeitos	Tipo de instituição	Localização regional em Ribeirão Preto	Tempo em que ocorrem aulas de atividades na instituição	Formação do (s) instrutor (es)
1	Projeto de extensão universitário	Região Oeste	Desde 2014	Graduandos Educação Física
2	Escola formal	Região Sul	Desde 2009	Superior Educação física; Superior Psicologia; e Médio completo
3	Escola de circo	Região Leste	Desde 2012	Superior Artes cênicas; Graduando Educação Física; e Superior incompleto
4	ONG	Região Oeste	Desde 2014	Superior Artes cênicas; e Superior incompleto
5	ONG	Centro	Desde 2015	Superior Farmacêutico-bioquímico; e Superior Educação Física
6	Academia	Região Leste	Desde 2013	Graduando Educação Física
7	Academia	Região Leste	Desde 2016	Fundamental completo
8	Escola de artes	Região Sul	Desde 2016	Médio completo
9	Escola de circo	Região Sul	Desde 2002	Superior Teologia; Superior Pedagogia; Graduando em Educação Física; e Médio completo
10	Escola formal	Região Leste	Desde 2015	Superior Educação física; e Fundamental completo
11	Assessoria	Região Leste	Desde 2016	Superior Artes cênicas

A Tabela 1 demonstrou os tipos das instituições em que os sujeitos ensinam as atividades circenses, bem como sua localização. Além disso, elucidou o ano de início da prática e formação formal dos instrutores atuantes em cada instituição.

Acerca dos tipos de instituições, observamos três sujeitos atuantes em academias, dois atuam em escolas formais, dois em Organizações Não Governamentais (ONG), dois em escola de circo, um em assessoria, um em escola de arte e um em projeto de extensão universitária, todos os termos foram definidos de acordo com o discurso dos sujeitos. Essa diversidade poderia revelar a versatilidade e aceitação das atividades circenses na cidade.

A localização variou entre as regiões central, oeste, leste e sul, sendo duas instituições de ensino na região oeste de Ribeirão Preto, três na região sul, cinco na região leste, uma no centro, nenhum dos sujeitos entrevistados atua na região norte.

Três instituições iniciaram suas atividades circenses no ano de 2016, duas em 2015, duas em 2014, uma em 2013, uma em 2012, uma em 2009 e uma em 2002. Sobre a formação escolar houve diversidade entre os instrutores, desde sujeitos com ensino fundamental completo até superior completo. Três sujeitos citaram ser graduandos em Educação Física, três citaram ensino superior em Educação Física, um citou ensino superior em Psicologia, três citaram superior em Artes cênicas, um citou superior em Farmácia-bioquímica, um citou superior em Teologia, um citou superior em Pedagogia, dois citaram superior incompleto (nesse caso são indivíduos que interromperam o ensino superior e não deram continuidade, diferentemente dos graduandos), três citaram ensino médio completo e dois citaram ensino fundamental completo.

Baseado em alguns dados gerados a partir das entrevistas aplicadas foi possível ainda compor a Tabela 2, apresentada a seguir:

Tabela 2. Dados obtidos a partir das entrevistas aplicadas com instrutores de atividades circenses em Ribeirão Preto - SP.

Sujeitos	Motivo do início nas atividades circenses	Início do contato com as atividades circenses	Início de atuação como instrutor	Tempo desde a iniciação prática até instrução	Renda majoritária
1	Praticante na escola de circo (Cidade do Circo)	2011	2013	2 anos	Circo
2	Inovação profissional; Praticante na Cidade do Circo	2005	2007	2 anos	Circo
3	Necessidade profissional; Praticante na escola de circo (Cidade do Circo)	2004	2006	2 anos	Circo
4	Necessidade profissional; Praticante na escola de circo (Espaço Profissional)	2012	2013	1 ano	Circo
5	Praticante na escola de circo (Cidade do Circo)	2009	2015	6 anos	Técnico de laboratório
6	Praticante autônomo; Praticante na escola de circo (Cidade do Circo)	2004	2005	1 ano	Circo
7	Praticante na escola de circo (Espaço Profissional)	2012	2013	1 ano	Confecção de roupas
8	Praticante na escola de circo (Cidade do Circo)	2002	2002	0 anos	Circo
9	Família circense	Não se aplica	1998	Não se aplica	Circo
10	Atuação profissional	2010	2010	0 anos	Circo
11	Praticante na escola de circo (Cidade do Circo)	2007	2008	1 ano	Circo

A tabela 2 demonstra que oito sujeitos tiveram seu primeiro contato com as atividades circenses por se tornarem praticantes, desses oito, cinco iniciaram numa mesma escola de circo, dois em outra escola de circo e um de maneira independente. Quatro deles tiveram iniciação por motivo profissional, sendo dois por necessidade, um por buscar inovação e um atuando. Um por ser de família circense. Dentre os entrevistados, apenas dois não têm sua renda majoritária proveniente do circo, sendo um técnico de laboratório e um trabalhador de confecção de roupas. O fato revela que é possível tornar-se profissão ao longo do envolvimento, mas que ainda dependem de renda complementar.

Em relação ao ano do início da prática, exceto o sujeito proveniente de família circense todos iniciaram após o ano 2000. Os outros iniciaram nos últimos 15 anos, dois em 2012, um em 2011, um em 2010, um em 2009, um em 2007, um em 2005, dois em 2004 e um em 2002, o que mostra quão recente é esse processo. O intervalo de tempo entre o primeiro contato até os sujeitos atuarem como instrutores foi de no máximo seis anos, sendo em apenas um sujeito, três demoraram 2 anos, quatro demoraram 1 ano e dois atuaram como instrutores antes de completarem um ano da sua iniciação. Além disso, o sujeito da família circense não se aplicou a esse aspecto apesar de relatar sua primeira experiência de atuação como instrutor em aula regular em 1998.

A partir da leitura e análise dos dados diversas categorias emergiram e culminaram nas categorias e subcategorias descritas a seguir. Alguns trechos serão citados a fim de ressaltar e ilustrar as categorias e subcategorias formadas. As principais categorias formadas foram “VIVÊNCIAS DA PRÁTICA”, “CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO” e “DINÂMICA DA SOCIEDADE”.

“VIVÊNCIAS DA PRÁTICA”: trata-se de uma categoria que se refere à tentativa de compreensão das experiências e vivências que os sujeitos tiveram nas atividades circenses, nos diferentes momentos de sua trajetória até se tornar instrutor desse contexto. Essa categoria aparenta ser de grande importância para o estudo, pois esse processo prático parece influenciar a definição de se tornar instrutor.

As subcategorias associadas à “VIVÊNCIAS DA PRÁTICA” foram: “aprendendo a fazer”, “aprendendo a ensinar” e “ensinando a fazer”. A figura 1 esquematiza a relação entre essas subcategorias.

Figura 1. Categoria “VIVÊNCIAS DA PRÁTICA” e suas subcategorias “aprender a fazer”, “aprender a ensinar” e “ensinar a fazer”.

“Aprendendo a fazer” foi uma subcategoria que surgiu decorrente do significado atribuído pelos sujeitos às vivências relacionadas aos momentos em que se aprende a fazer as habilidades motoras das atividades circenses, além do contato com a cultura e a sua identificação com ela.

Identificamos diferentes caminhos para a iniciação e a experiência de “aprender a fazer”. O sujeito E6 destacou seu contato com a aprendizagem das atividades circenses por vontade própria e individual, sem obrigatoriedade e motivado por gosto próprio, ou seja, ocorreu descoberta e aprendizagem a princípio autônoma, praticando algumas modalidades por conta própria.

“Desde os dezoito anos eu gostava de arte e queria descobrir uma arte da qual eu me encaixasse. E descobri o bendito circo no meio do caminho. Descobri o circo, e me lembro que na época eu comecei a... Eu aprendi a andar de perna de pau e a jogar malabares, aí eu fiquei durante um ano encantado com isso, até que, na época, eu conheci a Cidade do Circo. Eu entrei para querer fazer aula de circo...” E6

Ao contrário, E1, E5, E7, E8, e E11 aprenderam a fazer ao participarem de aulas em escolas de circo, como demonstra os trechos a seguir:

“Estou há cinco anos fazendo aula de circo, aí passei por praticamente todas, por todas as modalidades, desde portagem, contorção, tecido, trapézio, lira, corda indiana e por aí vai.” E1

"Aí depois conhecemos a Cidade do Circo, que foi a primeira escola né, que veio para Ribeirão. Conheci os meninos, conheci o João, conheci o André que a gente trocando idéia ali, as vontades meio que batia e "pô, vamos começar a trabalhar juntos, pesquisar juntos e ver o que rola" e estamos juntos até hoje... Não me arrependo dessa escolha, mesmo, foi uma coisa que deu certo, hoje a gente tem escola, tem trabalho, tem um monte de coisa aqui, tem, de certa forma, um nome aí, o pessoal conhece." E3

"Eu comecei o circo como um hobby, na escola aqui em Ribeirão Preto, na Cidade do Circo." E5

"Eu comecei no circo em dois mil e doze e, a princípio, eu me interessava mais pela lira. Eu praticava mais a lira e tudo, mas ainda assim eu treinava um pouco de cada, então, eu tenho um pouco de experiência em portagem também... Mas faço tecido também... Foi no Espaço Profissional [nome da escola de circo], um mês depois que eles abriram o espaço lá eu comecei a fazer aula lá." E7

"Eu comecei na Cidade do Circo como um aluno... E aí eles estavam começando a coisa acontecer e crescer, aí, ao mesmo tempo começou eu, o José e o Pedro, que eram alunos muito assíduos, frequentes, aí chamaram nós três para ajudar a dar aula." E8

"Eu ingressei numa escola de circo em Ribeirão Preto, a Cidade do Circo, e lá eu permaneci por três anos. E nesse período de três anos eu passei de aluno para instrutor, de instrutor para professor." E11

Quatro deles justificaram o aprendizado por meio profissional, E2 por necessidade de inovação em oficinas de férias, E3 por conta de um trabalho performático circense, E4 por uma peça de teatro a qual a temática circundava o circo e E10 por conta de aulas de atividade circense.

"Eu comecei o circo foi em dois mil e cinco quando eu trabalhava com oficina de férias, e aí eu tava sentindo a necessidade de trazer alguma coisa diferente, e aí eu comecei a conhecer alguns amigos que praticavam atividade circense e comecei a trazer para dentro do meu espaço" E2

"Ele fechou um trabalho específico aí na cidade, não sabia fazer ainda e aí nessa mesma época veio uma galera de Campinas para dar um curso de tecido aqui em Ribeirão... fizemos o curso deles e, a partir daí, começamos a treinar em

praça, que até então não tinha espaço e tudo mais. Aí depois conhecemos a Cidade do Circo, que foi a primeira escola né, que veio para Ribeirão. Começamos a treinar com os caras, fiquei um tempo com eles ali. No começo era muito amplo, treina um pouco de tudo, gostava um pouco mais do tecido que foi uma coisa que esse amigo, que o conhecer do circo através dele ele também treinava, então foi o primeiro aparelho assim, o tecido e a perna de pau. E aí depois eu fui mergulhando um pouco mais, conhecendo um pouco mais as coisas e através da vivência da capoeira eu já fazia acrobacia e aí comecei no circo com a acrobacia, enfim, mantenho até hoje.” E3

“Eu comecei quando, por conta do teatro, quando eu fiz faculdade de artes cênicas uma das peças que eu trabalhava era uma trupe de circo contando uma história, aí o André Dorian estava no elenco, ele trouxe todo o elenco da peça para fazer uma oficina de circo...até num horário extra-aula ele fazia esses treino com a gente. Aí eu comecei a me interessar, até porque eu tava sem fazer uma atividade física e eu gostei, então eu comecei a frequentar as aulas, aí foi quando eu comecei a fazer, mas eu demorei um ano pelo menos a levar a sério, até esse primeiro ano era hobby mesmo, era uma atividade física que eu fazia, não era meu foco.” E4

“Não sabia nada de circo e fui aprendendo nas aulas [ministrando]... Treinei bastante com meu irmão ... e aí eu treinava bastante sozinha. Depois eu dei aula de circo na Cia Athletica, eu treinava bastante. Eu ficava depois da aula, então eu ia a treinar sozinha... Tecido, trapézio, solo, eu treinava bastante solo, equilíbrio.” E10

Um dos entrevistados tem origem em família tradicional de circo e, diferente dos demais relatos houve a necessidade e obrigatoriedade em se aprender as atividades circenses para continuidade da tradição.

“Eu venho de família tradicional de circo... Quando se vem de uma família tradicional tem que meio que aprender de tudo... você tem que fazer de tudo um pouco. Tem que ser malabarista, tem que ser palhaço, tem que ser o cara que bate estaca, tem que ser o cara que ajuda a enrolar a lona, tem que fazer de tudo... Era mais mesmo porque é uma tradição do circo mesmo. É diferente sair uma pessoa da escola de circo e trabalhar no circo, ele não tem obrigação nenhuma de fazer muita coisa, porque ele não veio de... Ele não seguiu uma linhagem, assim do circo, e a gente não, a gente que veio de família tradicional de circo é assim, você tem que fazer de tudo.” E9

“Aprendendo a ensinar” se refere as vivências de momentos em que o sujeito de alguma maneira aparenta aprender a ensinar as habilidades motoras das atividades circenses. Alguns desses momentos ocorreram sob a tutoria ou orientação de um outro mais experiente, como descreve E4, E7, E8, E10 e E11.

"Eu aprendi a dar aula vendo o Rafa dar aula... Quando eu comecei a pensar em dar aula, eu comecei a fazer aula diferente, porque aí eu começo a fazer aula prestando atenção em todos os detalhes. Quando eu comecei a dar aula eu não comecei sozinha, porque eu nem tinha coragem de fazer isso, que é diferente do teatro, que o circo querendo ou não, tem um risco, principalmente aparelho, então, tem que ter cuidado. Então quando eu comecei a dar aula eu comecei a ir nas aulas com ele. Então, aí eu passava o alongamento, passava o aquecimento e via ele... né... e com os meninos também que acaba ao fazer aula." E4

"Eles viram que eu queria levar isso como profissão eles começaram a ensinar... Eles me ensinaram a ensinar, então, e aí foi quando a Karina foi para o Rio e aí eu assumi a turma das crianças lá." E7

"Era, mais ou menos, assim: a gente aprendia de manhã e ensinava a noite, não tinha muito, ainda, instrução. E pouco tempo eu já estava dando aula sozinha... Isso aí fez eu crescer para caramba, assim, na questão de experiência do que é dar aula ou, até mesmo, do que é o circo." E8

"Comecei com meu irmão, ele tinha oficina e aí eu comecei como estagiária dele... Eu comecei a ensinar primeiro, não sabia muita coisa. Então, eu sabia mais ensinar, na verdade eu auxiliava nas aulas, ele dava as aulas e eu ajudava com montagem, desmontagem de palco, brincadeiras, essas coisas. Quem dava no início a atividade era só ele. Mas depois, com o tempo, eu fui aprendendo." E10

"Eu me lembro muito bem quando eu fazia aula lá e um dia um professor chegou para mim e falou "Começa a reparar também, como estudo, a maneira como os professores dão aula e como é dar aula... Antes mesmo de dar aula eu já observava como os professores seguravam, aonde ia a mão, e copiava até mesmo as falas deles assim, exatamente." E11

E1 e E2 relataram essas vivências de maneira independente e informalmente:

"No começo eu não tinha muita base em portagem, então, para ensinar, eu não sabia como que portava, então conforme eu

tive que ensinar você vai atrás de aprender como que faz, você observa, começa a observar as pessoas que fazem para você conseguir passar a técnica para as pessoas... Você consegue ver a técnica e aí você observa a pessoa fazendo e consegue dar o toque certo para ela acertar o movimento, sem necessariamente você conseguir realizar o movimento.” E1

“Minha formação de circo na verdade ela é empírica, através de amigos, de experiência eu vou aprendendo, conversando, criando, lendo, procuro algumas coisas assim, procuro ver vídeo também, mas eu nunca em nenhum curso de circo assim, formação para circo dentro da escola eu nunca fui não, eu acabo buscando referências da educação.” E2

“Ensinando a fazer” foram consideradas os relatos relacionados aos momentos e experiências de ensino das habilidades motoras das atividades circenses:

“Fui para Ubatuba, e lá eu resolvi colocar uma oficina de circo minha de iniciação circense, e aí foi a primeira vez que eu dei aula de circo, num projeto social da prefeitura” E2

“Meu primeiro ano dando aula de circo eu tava muito dividida entre o circo e o teatro, peguei muita coisa, muita aula para dar... eu escolhi o circo no ano passado... Eu sai de diversos projetos de teatro para poder dedicar esse tempo pro circo.” E4

“Eu entrei na Cidade do Circo... Em menos de oito meses depois já estava trabalhando com o circo. Peguei projeto social para trabalhar, para dar aula e vem até hoje aí... A minha especialidade em relação a aulas é em tecido. Tenho pesquisado muito sobre tecido, desde o início da minha carreira profissional, gosto muito de ensinar essa modalidade. Então, acabei me especializando nessa área de tecido acrobático, no caso, ensinar.” E6

“A gente começou a fazer aula, aí...estava bombando lá e eles não estavam dando conta porque eles tinham outros projetos, tinha em outros lugares. Eles estavam começando a fazer a escola acontecer, que antes eles viviam desses projetos e aí precisava da gente para ajudar na escola, aí a gente começou.” E8

“Eu comecei mesmo [dar aula] com o projeto da prefeitura.” E9

“Eu dei aula para criança, de aula para adulto, para jovem, para adulto e até para terceira idade, e o dia a dia me mostrou muito

coisa, que as vezes, para um funciona, para outro não funciona.” E8

“Eu comecei [circo] no final de dois mil e sete, em março de dois mil e oito eu já comecei a dar aula numa ONG.” E11

E2, E6, E9 e E11 descrevem o início da instrução das atividades circenses por meio de projetos sociais, diferentemente, E8 cita seu começo com a escola de circo.

Assim, essa categoria “VIVÊNCIAS DA PRÁTICA” pôde destacar o contato com as atividades circenses por meio das escolas de circo, o acompanhamento e a observação de aulas para iniciar o próprio ensinamento dessas aulas e a relevância dos projetos sociais nessa iniciação do ensinamento das atividades circenses.

“CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO”: foi a tentativa de agregar os discursos que se mostraram relevantes para o acúmulo do conhecimento adquirido pelos sujeitos até então, bem como os fatores que influenciaram nessa construção. Essa categoria abrangeu as seguintes subcategorias: “Tipos de educação”, “Filosofia de trabalho” e “Referências”. A figura 2 pode esquematizar a relação dessas subcategorias.

Figura 2. Categoria “CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO” e suas subcategorias “tipos de educação”, “filosofia de trabalho” e “referências”.

“Tipos de educação” foi decorrente do agrupamento dos diversos trechos relativos a diferentes formas educativas, dentro disso foram considerados três divisões, educação formal, educação não-formal e educação informal. Essa divisão

baseia-se em Gohn (2006), que define as diferentes manifestações do ensino baseado em diferentes aspectos, como demonstrados na tabela a seguir (Tabela 3).

Tabela 3. Diferenciações entre as formas educativas - educação formal, educação não-formal e educação informal.

Tipo de ensino	Formal	Não-formal	Informal
Quem é o educador ou agente do processo de construção do saber?	Professores	Outro - com quem interagimos ou nos integramos	Pais, família, amigos, vizinhos, colegas, igreja, clube
Onde se educa? Qual espaço territorial?	Escolas; Instituições regulamentadas por lei, certificadas	Fora das escolas; Locais informais; Locais de processo interativo intencional	Espaço educativo demarcado por nacionalidade, gênero, idade, localidade, religião
Como se educa? Qual situação e contexto?	Ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais previamente definidos	Ambientes e situações interativos construídos coletivamente; Com diretrizes do grupo; Participação optativa; Há intencionalidade em participar, aprender, ensinar e de transmitir ou trocar saberes	Ambientes espontâneos; Relação social se desenvolve por gostos, preferências ou pertencimento herdado
Qual finalidade ou objetivo?	Ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normalizados por leis; Destaque para formar indivíduo como cidadão ativo; Desenvolver habilidades e competências; Desenvolver criatividade, percepção, motricidade, etc.	Capacita indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo; Esclarecer sobre conhecimento do mundo e suas relações sociais; Sem objetivos normatizados; Constrói relações sociais baseadas em igualdade e justiça social, o que fortalece a cidadania; Transmitir informação e formação política e sociocultural	Socializa os indivíduos; Desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem; Segundo crenças e valores herdadas socialmente
Quais principais atributos de cada modalidade?	Requer tempo; Local específico; Pessoal especializado; Organização em vários níveis; Sistematização das atividades; Regulamentos; Leis; Caráter Metódico; Dividido por idade ou nível de conhecimento	Não organizada por idade, série, conteúdo; Atua sob aspectos sujeitos do grupo; Trabalha e forma cultura política de um grupo; Desenvolve laços e pertencimento; Auxilia na construção da identidade de grupos; Desenvolve o capital social do grupo; Fundamenta-se na solidariedade e identificação de interesse	Não é organizada; Conhecimentos não sistematizados; Empirismo; Atua no campo das emoções e sentimentos; Processo permanente
Quais resultados esperados?	Aprendizagem efetiva; Titulação e certificação, que capacitam a possibilidade adquirir graus mais avançados	Consciência e organização de como agir em grupos coletivos; Construção e reconstrução do mundo sobre o mundo; Contribuição de identidade para uma comunidade; Resgata e desenvolve auto-valorização; Formar não apenas para o mercado de trabalho; Adquirem conhecimento pela sua prática, lendo e interpretando o mundo que os cerca	Sem resultados esperados; Resultados ocorrem a partir do desenvolvimento do senso comum, que orienta pensamento e ação espontâneo

Fonte. Adaptado de Gohn (2006).

Os trechos sobre a educação formal foram extremamente robustos, pois ao fato de que todos os entrevistados remeteram de alguma maneira essa categoria em suas declarações. Dois deles, E5 e E9, ressaltam a necessidade da formação formal para os instrutores de atividades circenses, entretanto essa necessidade não se refere a questão jurídica, como aponta E6 em seu discurso.

"Eu vi uma necessidade minha de seguir isso como profissão e buscar formas de me capacitar, de me certificar em relação a isso." E5

"Eu vejo a necessidade de ter uma formação, ou quem já tem ter um segunda formação na área... É uma necessidade mesmo. A gente precisa meu, senão o mundo te engole. Ou você vai ter uma formação, ou meu amigo vai ficar para trás." E9

"Eu me qualifico um profissional habilitado para tal atividade, porque atualmente um profissional circense, ele não precisa ter uma formação acadêmica para exercer sua função." E6

E3 e E11 relatam o curso superior escolhido em consequência do circo, ou seja, o curso superior auxiliaria os sujeitos de alguma maneira na sua relação com o circo.

"Eu fiz educação física por conta do circo né, que já era uma coisa que eu trabalhava, então "eu vou começar"... Eu dava aula o dia todo, aí ia para faculdade a noite, saia da faculdade e ia treinar... Por já não estar levando a coisa bem eu resolvi trancar." E3

"Quando eu procurei a faculdade de teatro eu não sabia da grandiosidade que era o teatro. E eu procurei para complementar a atuação nas atividades que eu fazia no circo... eu procurei na parte de interpretação." E11

O campo da Educação Física foi bem relatado dentre o ensino formal, seja para o auxílio proporcionado pelo conhecimento técnico específico citado por E2, E9 e E10, quanto na intenção de se formar na área, como discursaram E4, E5, E6 e E8.

"Eu acho que minha formação de professor de educação física me ajudou muito, acho que ter alguns conceitos da fisiologia, alguns conceitos de psicomotricidade, de cinesiologia foi muito bom." E2

"A parte da Educação Física, poxa... Melhor, a gente que trabalha com o corpo, a gente precisa entender um pouco de anatomia, um pouco de tudo, do corpo em si." E9

"Eu acho que para quem é formada [área de Educação Física] é bem mais fácil. Porque a gente tem noção da parte corporal da criança." E10

"Já pensei várias vezes em fazer uma faculdade de Educação Física para trabalhar melhor a coisa do corpo, mas também a nossa realidade deixa essas idéias ir embora." E4

"E hoje em dia,... Para intensificar ainda mais esse embasamento eu fui buscar uma faculdade de Educação Física mesmo, além dessa especialização, para poder ter uma boa certificação, além de aprofundar mais o conhecimento. Então, ainda está em andamento ainda né, eu tenho a previsão de uns três anos e meio para terminar." E5

"Atualmente eu sou graduando em Educação Física." E6

"Eu penso em fazer, por exemplo, faculdade de Educação Física ou alguma outra coisa que vá me ensinar, eu acredito que tenha que ser Educação Física, não consegui achar ainda outra, que vai me ensinar um pouco mais sobre o que que é o corpo, como que ele funciona." E8

Claramente a Educação Física é bem relacionada pelos entrevistados para atuação profissional no circo, por seus conceitos corporais na anatomia, cinesiologia, fisiologia e psicomotricidade.

Além do ensino superior no nível de graduação também foram citados pós-graduação, E5, e ensino técnico, E7 e E8.

"Também [fui buscando] a pós-graduação, apesar de não ser diretamente ligado a área que eu me formei" E5

"Tem a Escola Nacional do Circo também, mas que para mim agora, não tem jeito. Era uma vontade, mas agora não tem mais jeito." E7

"O edital da Escola Nacional do Circo, aí eu prestei... Seria uma possibilidade de melhorar minhas qualidades técnicas, minha formação." E8

A Escola Nacional do Circo (ENC), relatada por esses sujeitos é uma escola técnica atualmente reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC), de maneira que

se enquadra no perfil de ensino formal. A ENC é mantida pelo Ministério da Cultura e realiza cursos regulares de formação além de cursos de reciclagem de artistas. Foi criada em 1982 e atualmente conta com 200 alunos matriculados, sendo selecionados por meio de concurso público.

Sua grade curricular conta com técnicas de manipulação (malabares, laços, diabolô, bastão, etc.), acrobacias aéreas (lira, tecido, trapézio simples, trapézio de balanço, faixas, corda indiana, etc.), acrobacias (saltos, contorção, escadas, cadeiras, báscula, mini-tramp, adágio, etc.), equilíbrios (parada de mão, bola, perna de pau, monociclo, rola-rola, arame, etc.) e técnicas especiais (pirofagia, força capilar, força dental, etc.). A idade mínima para ingresso é de 14 anos e a duração é de 7 períodos, totalizando 3 anos e meio de curso (FUNARTE, 2017).

Sobre a educação não-formal, ela foi muito relatada pelos instrutores entrevistados também de maneira que sua prática é a mais usual dentro do campo das atividades circenses como ilustra o seguinte trecho de E5:

"A prática foi se intensificando e o gosto pela arte também, e aí eu fui buscando cada vez mais entrando nessa área, através de cursos, e mesmo... outras escolas de circo, outras pessoas para compartilhar conhecimento e tal." E5

Na mesma direção, porém de maneira compartimentada, outros entrevistados relatam o ensino por intermédio de cursos (E3, E6 e E7), escolas de circo (E2 e E11) e compartilhamento de conhecimento e experiência entre pessoas desse meio (E6 e E11).

"Todo ano a gente faz um curso de parada de mão com um amigo nosso, e isso já instaurou uma rotina. Tem essa vivência da Cava do Bosque, que é com ginástica olímpica que eu to sempre buscando coisas." E3

"No circo nós fazemos muito workshop, cursos com profissionais da área né. Já fiz vários cursos em palhaço, para aprimorar a técnica palhacesca e acrobático já fiz oficina com galera do Soleil, com pessoa de fora do país, galeras bem conceituadas fora do Brasil também, muito bacana. Já participei de congressos e festivais de circo, onde a troca é sempre fantástica." E6

"Eu costumo fazer workshop com a Karina né, quando ela vem do Rio eu faço workshop com ela. Inclusive, ela voltou agora e

eu quero fazer mais. É... E eu tento ir na Espaço Profissional as vezes... Para continuar o que eu comecei.” E7

“Eu fui atrás de buscar uma formação nas escolas de circo daqui de Ribeirão Preto e aí eu fiz aula durante uns dois anos” E2

“A experiência circense foi através da escola [de circo] e também através desse grupo, que se sustenta até hoje através dessa linguagem do palhaço, da linguagem do palhaço e das acrobacias do circo também.” E11

Em trechos mais específicos demonstram que, no cenário de Ribeirão Preto, os profissionais que ministram esses cursos são principalmente artistas experientes, como relata E5 e E6.

“Foram cursos mas... não necessariamente especializações ou profissionalizantes, mas cursos pontuais, tipo, um aprofundamento num aparelho do circo, tipo faixas acrobáticas, ou uma habilidade como parada de mãos, com profissionais que já atuam na área a um tempo, principalmente artista, mais do que pessoas que lidam com isso como ensino, basicamente isso.” E5

“O conhecimento, muitas vezes, a gente tem que buscar fora, em outras cidades para que a gente possa se capacitar cada vez mais. Fiz curso de segurança no circo, com Marco Bortoleto, fiz cursos de tecidos acrobáticos com uma menina que trabalhava num circo... Fiz um curso de palhaço com um palhaço argentino.” E6

A educação informal surgiu em consequência de um entrevistado, E9, o qual é originário de família circense, ou seja, nasceu em um circo itinerante tendo sua vivência toda em decorrência do cotidiano circense. Dessa maneira, identificamos os seguintes relatos.

“Uma pessoa da escola de circo e trabalhar no circo, ele não tem obrigação nenhuma de fazer muita coisa, porque ele não veio de... Ele não seguiu uma linhagem, assim do circo, e a gente não, a gente que veio de família tradicional de circo é assim, você tem que fazer de tudo, porque o dia que o malabarista tiver machucado ou não poder trabalhar você faz. O dia que o palhaço não dá para trabalhar você faz, por isso que tem essa tradição do cara do circo aprender de tudo.” E9

“Eu tenho a minha formação assim, da tradição do circo, agora estou buscando uma nova formação para aplicar.” E9

"Isso [fazer de tudo] é uma vantagem quando você depara com uma escola "Poxa, eu posso dar aula de várias modalidades". " E9

Por outro lado, há ainda a educação informal proveniente de encontros, convenções e congressos, em que os participantes interagem e trocam experiências sem necessariamente ter uma intencionalidade de ensino como preconiza Gohn (2006).

A subcategoria "Filosofia de trabalho" vem de encontro com a idéia das premissas e princípios, bem como os valores que norteiam o processo educativo das atividades circenses de acordo com o discurso dos sujeitos. Assim, foram identificados alguns aspectos como a inovação, o desafio, o aperfeiçoamento, a ludicidade, o coletivo e o amor.

A inovação remete aos trechos em que os sujeitos E1, E6 e E9 veem a necessidade de inovação, mudança de rotina ou novidade, e que o aprendizado do instrutor é um processo contínuo:

"O tempo inteiro você tem que ir aprendendo, sempre você vai ensinar algo novo." E1

"Quando a gente tá ministrando aula de circo tem que ser um negócio diferente, então, você não pode cair numa rotina, numa mesmice, na rotina, no arroz com feijão do dia-a-dia. Eu preciso variar, eu preciso trazer uma nova linguagem." E6

"A gente nunca sabe muito, tem que estar sempre buscando e buscando, a gente fala que o saber não ocupa espaço, então a gente tem que estar sempre inovando porque senão a gente fica para trás." E9

O desafio está atrelada à superação, ao fato de vencer o medo, as dificuldades e as limitações. Essas conquistas obtidas pelos alunos, como cita E2, E4 e E6 são compartilhadas pelos instrutores também que tomam esse sentimento de superação para si como se tivessem vencido determinado desafio, como descreve E9.

"Eu tenho variados tipos de crianças...Eles buscam alegria, diversão, então ... e desafio, eu acho que o básico da criança ali é, a maioria deles ali procura o desafio mesmo." E2

“As pessoas gostam de lá porque gostam de desafiar né, de vencer os próprios... as travas, os medos né... [A evolução] pessoal do aluno, vencendo cada etapa, cada medo, conseguindo fazer aquela coisa que para a gente é simples mas que para ele foi... Então, é muito gostoso quando eles vão conquistando isso, né? E quando vão nos superando também.” E4

“Eu sempre dou um suporte bem legal, perto, fico embaixo, repete todos os dias um ciclo de movimentos que eu já tenho preestabelecido com elas, para que elas decorem essa sequência e aos poucos vai... Elas por si só elas vão subindo, elas vão cada vez mais alto, pegando confiança nelas mesmo, depois no aparelho e vai desmontando.” E6

“Várias pessoas que chegam aqui nunca nem subiu num trapézio, nem nunca entrou debaixo de uma lona de circo antiga e determinado tempo você vê que a pessoa está fazendo uma queda o tecido, fazendo um salto mortal, várias coisas, isso aí é sem palavras, não tem preço, já é a realização do trabalho.” E9

O aperfeiçoamento tem a idéia da necessidade, citado por alguns sujeitos, E3 e E5 no caso, de estarem sempre aumentando o conhecimento adquirido, sempre buscar e melhorar para aplicar em aulas.

“Eu acho que a idéia é essa, é a gente sempre estar melhorando, sempre estar buscando.” E3

“Eu acho que tem uma boa capacidade [os instrutores], tem bastante estudo, vontade de aprender, de se atualizar e de passar as coisas certas, corretas, de forma segura. Buscar informações, para mim está suficiente e com... mesmo que não seja suficiente, há uma proatividade de identificar ou de receber toques um do outro para melhorar ou buscar o que está faltando e tal.” E5

Esse aperfeiçoamento está na esfera da segurança (E6), por meio de pesquisa (E9 e E11) ou por meio da prática (E10).

“Segurança nunca é demais... Sempre há a possibilidade de ser melhor em relação a segurança, que nunca, nunca é demais.” E6

“Estudar eu não vou parar, isso eu tenho certeza.” E9

"A minha [melhoria de formação] eu tenho que treinar." E10

"Eu ainda continuo um eterno pesquisador mesmo." E11

A ludicidade é um fator importante no discurso de alguns entrevistados, E1, E4, E6, E7, E8 e E10. Essa idéia inclui o âmbito infantil e adulto e revela a atenção dos instrutores para tornar as aulas prazerosas, pois também é interesse dos praticantes:

"Eu acho que mais a galera que tá indo lá é para diversão e alguns deles acham que tem que pegar mais pesado no preparo físico, ou fazer os movimentos mais difíceis" E1

"O circo ele tem essa coisa do lúdico do bonito, do artístico, que dá uma maquiada na atividade, então não deixa chato." E4

"A procura é, além de aprender uma modalidade circense, algo lúdico, vai se exercitar, ao mesmo tempo." E6

"Eu acho isso [a aula] muito legal, porque desenvolve, ela desenvolve a consciência corporal dela e ao mesmo tempo ela se diverte muito. Para a criança é muito interessante." E7

"Tem outros [alunos] que faz mais pela brincadeira, porque a aula tem que ser levada na forma de brincadeira. Não dá para ser outra forma. Então, tem outros que acompanham mais pela questão de estar brincando, de estar fazendo uma atividade diferente que é divertida." E8

"Dependendo da aula é só brincadeira, aí tem partes da aula que eu dou mais sério, mas o intuito lá deles é eles estão indo para se divertir. Aí com essa brincadeira a gente vai colocando as coisas no meio para eles aprender." E10

Sobre o coletivo nas atividades circenses, ela envolveu os praticantes como citados por E1 e E3, e também o campo dos instrutores como descreve E6 a seguir:

"A galera é bem família mesmo, nesse sentido, todo mundo se ajuda, não tem aquela coisa de "É só eu aqui, eu faço o meu treino e não dou atenção para ninguém", não tem esse individualismo, com eles. A galera é bem unida nesse sentido assim." E3

"Eu não me considero... O pessoal que dá aula na Cidade do Circo como meus concorrentes, não, eles são meus amigos, a gente tá junto. E o pessoal que trabalha nessa área tem mais

ou menos essa cabeça, não existe ninguém concorrente de ninguém, todo mundo é amigo, todo mundo trabalha junto.” E6

Para o amor tange o aspecto do querer e fazer pelo gosto à arte e ao circo em si, sendo um aspecto de suma importância e de extrema intensidade, frente a tantos outros aspectos considerados secundários por alguns sujeitos, como relatam E3, E4, E6 e E8 a seguir:

“Viver de arte o cara tem que ser doido, porque o cara não vai ficar rico, não vai ganhar dinheiro, então ele faz porque ama né. Eu acho que... Eu falo por mim porque eu amo o que eu faço.” E3

“É um aprendizado muito bom dar aula, e eu, comparando com mas aulas de teatro que eu dou, me apaixonei mais em dar aula de circo.” E4

“Minha vida é o circo, eu sou circense, me considero professor e artista de circo...Trabalho, faço performance, tudo na área artística e circense.” E6

“Eu posso dizer, que nesse período, que deve ter durado uns três anos, mais ou menos nesse ritmo, eu vivia circo, respirava circo, comia circo, então, aquele período foi bem intenso para mim.” E8

A subcategoria “Referências” buscou agregar os discursos em que os sujeitos citam suas referências de ensino no âmbito teórico a um primeiro momento, porém, ainda aborda implicações e embates que se depara da teoria com a prática em seu cotidiano.

Sobre as referências que pautaram o conhecimento dos entrevistados até o momento da entrevista os dados foram muito interessantes. Num primeiro momento, como nem todos descreveram ter ciência ou acesso a materiais sobre as atividades circenses, como citam E4 e E7, respectivamente:

“Não conheço mesmo [referências sobre circo], é aquela coisa de sempre a prática, né...” E4

“Eu já achei outros materiais na internet também, inacessíveis... São materiais caros e na maioria das vezes importados, que a gente não encontra no Brasil. E que para importar para cá ia ficar bem, bem caro.” E7

Por outro lado, há aqueles que relataram o conhecimento de referências específicas do circo, como E3, E6 e E9. Em contrapartida E10 relatou a deficiência nesse âmbito:

"A gente tinha contato com o pessoal da Fundação Nacional de Artes, no Rio de Janeiro, e eles mandaram uma apostila para a gente. Na apostila tinha os métodos de tecido, de trapézio, de corda indiana, lira, acrobacia, enfim, tinha uma série de coisa e aí eu trabalhei com esse material... Eu leio muito material do Marco Bortoleto... Eu acho que de circo no Brasil é ele. Então, eu acompanho muito o material dele." E3

"Existe alguns estudiosos aí que tem jogados livros, jogado no bom sentido, ter colocado livros no mercado para que a gente possa pesquisar. Então, a gente tem o Carlos Sugawara de São Paulo, ele fez um livro maravilhoso, não vou lembra o nome agora, mas o Marco Bortoleto, de Campinas, tem dois livros... que para quem está começando na área e quiser ter uma base para saber aonde procurar o que fazer a atividades circenses é maravilhoso, tem volume um e volume dois, é... Mario Fernando Bolognesi, alguma coisa assim, ele tem um livro... que é muito legal também para ser ter um direcionamento dos circos brasileiros, dos circos do mundo, dos palhaços brasileiros..." E6

"Tem um livro também que eu trouxe da... De Portugal ou da Espanha, eu não lembro, falta te colocar no trapézio sozinho e te ensinar, então ele tem vários, vamos dizer assim, como se fosse uma aula, muito bom mesmo." E9

"Eu acho ainda que essa parte [referência teórica] de circo é muito escassa." E10

Apesar de ter conhecimento sobre algumas referências circenses, E1 e E9 citam certa insatisfação diante de algumas que encontraram.

"A maioria dos estudos que eu acho de atividades circenses não é falando da pedagogia né, é falando mais da cultura, e de como surgiu, eu nunca achei um artigo falando da técnica do, da arte circense." E1

"Conheço [referências teóricas], até tem bastante coisa cara, mas assim, tem coisas que foram pessoas não de circo que escreveram e tem livro que é, para mim, para o meu conhecimento eu não gostei muito, não gostei porque foge muito do que realmente é, tanto na prática, quanto na teoria." E9

O discurso não circundou apenas sobre referências do circo, e ao contrário, E2, E9 e E11 descrevem a busca por outros referenciais que possibilitem maior integração entre as diferentes frentes.

"Eu acho que o mais importante é como a gente entende o circo, como a gente consegue abrir, ver o que que as pessoas estão buscando, retornar e buscar fora também né... Eu acho que isso não dá para ficar buscando só dentro do circo." E2

"Tem livros bons, muitos bons mesmo que eu vi, gostei e indico. Não só livro de circo, tem o livro que chama O Corpo Fala, muito bom o livro, muito bom, muito bom mesmo. Te dá uma base muito boa para trabalhar o corpo dentro do circo." E9

"Eu acho que as referências, elas estão aí e nem sempre elas são encontradas em livros específicos daquela linguagem." E11

Pontuando mais especificamente, E1, E3, E5 e E10 declararam se pautar em materiais da ginástica.

"Muito baseado na área da ginástica, porque a ginástica é uma área muito pedagógica, então, sempre vem de educativos para você ir fazendo. Depois pega um pouco da parte de preparação física, que aí a parte de anatomia e cinesiologia" E1

"Teve alguns livros que eu né, de ginástica olímpica, que tinha uma base." E3

"Tem da ginástica também, que a gente acaba, apesar de não ser dentro do circo, a gente acaba utilizando um pouco dos referenciais teóricos em questão de progressões, justamente porque a gente não tem quase nada do circo." E5

"Eu tinha uma apostila muito boa da parte de solo de circo, solo, portagem, essas coisas... Estava em inglês... Eu acho que era algo mais puxado para a ginástica." E10

Outras áreas como teatro e ioga também foram citados por E4 e E11:

"De teoria eu sou bem defasada, o que eu acabo usando são alguns teóricos do teatro, por exemplo, Laban, que trabalhava muito na expressão corporal, eu uso alguns exercícios, adapto alguns exercícios para trabalhar com o circo também. Mas realmente na parte teórica..." E4

"Tem um livro que eu me apeguei muito, por muito tempo que esclareceu muita coisa que é a Anatomia da loga. Eu tenho agregado muito com meu trabalho da parada de mãos, mas eu acho que está vindo mais do teatro, da dança do que propriamente do circo, é curioso isso." E11

A internet foi pontuada fortemente por E7 e E8 como fontes de conhecimento, com vídeos e video-aula. Além disso, E3 e E6 pontuam a internet como fonte de divulgação.

"Pesquisei muito na internet também. Em busca de movimentos novos, o que trabalhar com crianças, o que que é interessante para a criança, o que que vai chamar mais atenção. Então, isso eu pesquisei bastante. Com vídeos, tem bastante vídeo-aulas que as vezes a gente acha na internet, que é bem legal." E7

"Quando eu tenho alguma questão que vem a cabeça ou, de repente, durante alguma aula eu procuro no Google cara, internet. nunca peguei livro. Tem um livro que uma vez eu li mas eu não lembro o autor, era um livro que falava sobre tecido... mas não agregou conhecimento para mim. Eu acho que não modificou o meu jeito de dar aula o livro não. Então, agora, as vezes, uma hora ou outra que já influenciou na aula foi internet." E8

"A gente fica sabendo e descobrindo coisa através da internet, porque tem lugares, por exemplo, que eles não fazem uma propaganda tão grande porque é número limitado, então você temeu conhecer o fulano, que conhece beltrano e indica "Ó, vai em tal lugar que vai rolar um curso assim que é vaga limitada", porque é isso, o mundo que agente tá dependendo o curso não é aberto para qualquer um." E3

"A gente tem uma ferramenta maravilhosa, que é a boa e velha internet. Então, sempre fico sabendo [cursos] através de divulgações de facebook, mails, coisas do tipo assim, e acabou pesquisando, procurando sobre e sempre vou atrás, quando é algo que me interessa, algo que vem somar na minha carreira eu tento fazer." E6

Dentro dessa subcategoria "Referências" ainda agregou os discursos sobre os embates entre a teoria e prática sobre o conhecimento vivido e aprendido. A formação citada por E4, E9 e E10 teve um cunho majoritário da prática como ilustra esses trechos:

"A gente tem uma formação mais prática do que teórica... Depois que eu me disponibilizei a dar aula e vi que isso tava se tornando um realidade da minha vida, eu comecei a encarar de outra forma, e tomei o cuidado de não parar de fazer aula porque também não tenho... sei o básico do tecido, sei o básico da lira, eu ainda estou também aprendendo." E4

"Eu voltei a fazer tecido por conta de aluno. Porque tecido nunca foi uma coisa que eu amasse de paixão, mas eu voltei a fazer tecido e praticar para poder ensinar para ele." E4

"A gente sabia na prática, levantar a perna assim você vai conseguir fazer isso e isso, põe a mão assim e você vai fazer isso e isso. Não tinha teoria de tudo mas a pratica a gente sempre tem." E9

"Eu acho que eu aprendi muito na prática né. Essas coisas de teórico, teórico, teórico, teórico, não. Você tem que ir lá e "Quero aprender" então vai numa aula de circo e segue aquilo. Você pode até pesquisar, internet, livros, muita coisa, mas para mim o que você aprende, você aprende tudo na prática. Muito mais na prática do que teórico." E10

A partir de conhecimentos teóricos E1 e E9 citam o embate entre a prática vivenciada e a teoria aprendida refletindo no ensino a possibilidade de mudanças na transmissão do conhecimento.

"Como a gente é graduando de Educação Física, a gente tenta passar o que a gente aprende na Educação Física com a arte circense que a gente vem vendo culturalmente, então a gente tenta modificar algumas coisas, como o alongamento, no começo da aula tem que ser o alongamento, não, a gente acha que tem que ser um aquecimento, então a gente vai pegando o que a gente aprende vai tentando mudar algumas coisas que são culturais." E1

"Colocar o que a gente aprende na formação de Educação Física nas aulas de circo, porque vem de uma coisa cultural e tem várias coisas que fazem porque "me ensinaram assim", mas não, pode ter um jeito melhor de ensinar isso. Usar uma pedagogia melhor, ou mesmo um fortalecimento específico para o que a pessoa precisa, ou um alongamento melhor, coisas do tipo." E1

"Eu descobri que a vida inteira, muitos e muitos exercícios eu não só aprendi errado, na ginástica olímpica como eu estava ensinando errado." E9

“DINÂMICA DA SOCIEDADE”: surgiu em referência aos trechos em que os sujeitos remetem as influências da sociedade, que refletem no modo e na caracterização do ensino, assim como mudanças e possíveis cenários futuros no campo das atividades circenses. Particionando essas categorias obtivemos as seguintes subcategorias: “Demanda social”, “Limitações” e “Tendências sociais”. A figura 3 pode esquematizar a relação dessas subcategorias.

Figura 3. Categoria “DINÂMICA DA SOCIEDADE” e suas subcategorias “demanda social”, “limitações” e “tendências sociais”.

A subcategoria “Demanda social” culminou nos trechos em que os sujeitos citam e descrevem características do que é solicitado socialmente, ou seja, o que a sociedade absorve frente o que lhe é exposta sobre as atividades circenses. Alguns trechos delimitaram a caracterização do público-alvo dos entrevistados exaltando a faixa etária, sendo que algumas instituições atendiam apenas crianças, E2, E7 e E8, e outras somente adultos, E3, E5 e E11:

“É uma escola, então, na verdade, é restrita aos alunos de dentro da escola. Então, na verdade ela é parcialmente acessível. São crianças de quatro a doze anos de idade, mais ou menos.” E2

“As crianças são de cinco anos, a maioria de cinco para cima.” E7

“Lá é um público infantil né, crianças de até oito anos, de cinco ou de quatro, de quatro a oito anos.” E8

"O perfil da galera que vem para cá assim, é um pessoal super extrovertido. É uma coisa que as mulheres procuram mais, é um tipo de coisa mais feminina e tal. Dificilmente vem aluno homem." E3

"A maioria das pessoas que procuram são mulheres, já adultas, acima dos vinte anos de idade e todas elas já tem alguma experiência com atividade física." E5

"Até agora todas as pessoas já tem algum vínculo com alguma trabalho corporal voltado para a atividade física e pesquisa do corpo também. De vinte e quatro a vinte e nove anos, por aí." E11

Além do mais, E6 e E9 pontuaram uma abrangência de crianças e adultos na mesma instituição

"A mulher, o público feminino, é... Desde criança até uma idade mais avançada, elas frequentam com prazer.... Sempre vão, e são frequentadoras assíduas e elas não faltam... Senhoras casadas, a procura de mulheres casadas e adolescentes é grande. No meio termo, meninas adolescentes é pequeno. Então, tipo assim, ou são mulheres casadas, mulheres um pouco mais experientes na vida, ou meninas mais novas, no meio também a procura é bem pequena. Eu percebo que dentro de academia, de musculação, quando se tem coisa diferente de musculação ou um tipo de luta, a procura do homem para atividades diferentes é muito pequena, quase nula, quase nada. Então, eu acredito que rola um certo preconceito do homem para com atividade diferente, fora daquilo que é o cotidiano deles." E6

"De cinco a noventa e nove. To brincando, aqui tem de quatro... A gente pega crianças a partir dos quatro anos de idade e o restante é sem limites mesmo. Já teve gente aqui de sessenta e nove anos fazendo aula." E9

Os relatos sobre os conteúdos abordados nas aulas de atividades circenses foram abrangentes, porém, demonstraram muitos trechos em comum. Primeiramente é importante pontuar o discurso de E3 e E10, que o conteúdo ensinado não contempla o circo, mas parte dele:

"Não dá para a gente falar que a gente é circense de fato que a gente não trabalha com tudo que envolve o circo, a gente trabalha com algumas coisas." E3

“Separaram [o circo], não é aula de circo, que tem o palhaço, o equilibrista, o trapezista. Não, tem aula de aéreo, então a pessoa vai fazer só trapézio, ou só tecido, ou só solo, fizeram umas outras modalidades aí com o circo.” E10

Dentre as modalidades do circo, ou seja, as atividades circenses citadas, algumas se apresentaram em mais de um local de ensino como as acrobacias de solo individuais, acrobacias de solo coletivas e de aéreos (tecido, lira e trapézio), além de malabares (bolas e swing) e equilíbrios (rola-rola, perna-de-pau e parada de mãos). Outras atividades circenses foram citadas em apenas uma instituição, tecido marinho, corda indiana, slackline, cama elástica, contorção (E9) e construção de materiais (E10).

“A parte de aéreos tem bastante, é, procura, as crianças gostam muito, vão buscando isso, mas a gente varia, a gente trabalha com equilíbrio, perna de pau, rola-rola, acrobacias de solo, portagem, malabarismo, brincadeiras de palhaço.” E2

“Tecido, trapézio, a lira, a faixa, a gente ensina também um pouco. Acrobacia de solo, portagem, malabares, e só.” E3

“Apenas acrobacias de solo, do nível mais básico... E, primeiramente, acrobacias coletivas que é o próprio nome da aula que a gente dá lá, na verdade nem chama de circo, mas a gente dá acrobacias coletivas, acrobacias em grupo dentro de uma temática circense.” E5

“Eu estou focando no solo, cambalhota, estrela, para elas começarem a entender um pouco o movimento. Eu tento fazer um pouco de aéreo também para fortalecer, mas por enquanto eu estou focando no solo.” E7

“Tem o tecido, a lira, tem o trapézio, trapézio duplo, trapézio triplo, tem tecido marinho, corda indiana, tem lira, lira dupla, straps, que é a faixa, tem slackline, cama elástica, trampolim, no solo acrobacia de solo, entra a parte de contorcionismo também. Na escola em si não tem essa, a gente tenta passar, aqui o nosso lema é “Pô, fazer tudo”, tem pessoas que quer vim para só fazer tecido, a gente instrui que é bom aprender de tudo, tanto para a parte física quanto pela própria arte em si.” E9

“Gosto muito de solo, cambalhota, estrela, parada de mão, equilíbrio, para eles pegarem força, prefiro muito mais essa parte... Faço também a parte de construção, faço bolinha com eles, faço swing.” E10

“O foco sempre a parada de mãos, o foco é tentar trazer o resultado da parada de mãos, que a pessoa permaneça em parada de mãos sem a parede e com segurança e com a linha quase que perfeita... Objetivo técnico.” E11

As atividades circenses como uma forma de atividade física foram citadas em diferentes momentos. E4, E5, E6 e E9 apontam mais claramente essa relação nos seguintes trechos:

“A maioria das pessoas vão com esse foco mesmo da atividade [física]... e vão descobrindo coisa, então é muito legal, mas o objetivo é esse, tornar o hobby... que vá além do hobby, que vá além do simples - vou lá manter o meu físico em dia.” E4

“Eu acho que além de uma parte de condicionamento físico e saúde, basicamente para, o foco é lazer. Não é nada voltado para um alto rendimento e nem voltado a uma área social, voltado a cultura ou artística. Mais voltada para o lazer mesmo e saúde.” E5

“A gente trabalha como uma forma de exercício. O circo em si, ele é uma academia, como se fosse um trabalho de calistenia. A gente usa o peso do próprio corpo para se exercitar e o tecido não é diferente.” E6

“Tem gente que quer manter um corpinho legalzinho, uma forma de uma atividade física.” E9

As atividades circenses foram referenciadas como uma prática alternativa por alguns dos sujeitos. E1, E3, E4 e E5 que substitua outras já oferecidas nas academias de ginástica, principalmente:

“Geralmente são pessoas que não gostam de academia e procuram áreas diferentes para trabalhar” E1

“O foco principal é trazer uma atividade diferente para os alunos... A maioria vem só pela atividade física ser diferente de uma academia... A gente pesquisa algumas coisas, então o objetivo maior é ser uma atividade diferente mesmo, que não seja da academia.” E3

“Poucos já tinham experiência com circo, muito pouco. A maioria nunca... vai por curiosidade e vai em busca dessa atividade física, porque odeiam academia, não tem paciência, sempre esse discurso, e... então chegam bem crus, até de

consciência corporal, pessoa que as vezes nunca deu uma cambalhota na vida.” E4

"O público é um público que busca, acho que uma forma diferente de se exercitar... Realmente queriam, ou continuar alguma coisa a ver com acrobacias ou então, tipo uma coisa diferente para exercitar o corpo, por exemplo, fora da academia... Até por ser uma coisa com potencial, tanto de você ser dinâmico, de usar a criatividade, diferente por natureza e você vender isso para os alunos, então é muito fácil você pesquisar e modificar e tornar a aula sempre diferente, sempre atrativa para a pessoa, sabe?" E5

E2 e E7 reiteram as atividades circenses como alternativa, porém E2 destaca como fuga de esportes tradicionais:

"Vivência práticas do circo, algumas das que eu tive condição de estar passando então seria uma forma de lazer, de entretenimento e de conhecimento específico do circo e de formação corporal. Melhorar a psicomotricidade dele, pudesse ter uma vivência corporal um pouco diversificada, fugir um pouco dos esportes tradicionais, as atividades de formação de escola para vivificar um pouco desse lado do circo com o competente artístico também né.” E2

"É um projeto, então dentro dessa oficina tem o teatro e tem o... Fabricação de instrumentos musicais e tal... Brincadeiras de criança. E que eu sinto das crianças, que o preferido delas é o circo. Eu não sei se é porque traz mais dinâmica, é uma atividade diferente.” E7

A questão artística do circo abordado nas atividades circenses é desenvolvida por três dos entrevistados, E1, E4 e E8:

“Eu tento fazer a pessoa gostar da arte primeiro, da arte circense, nunca é fazer a pessoa ser profissional naquilo.” E1

“Ela [instituição] sempre tenta, tanto com as aulas de teatro quanto as aulas de circo, ela tenta fazer com que o... aquilo vá além de uma atividade, mas não pensando que eles né... vou formar profissionais, mas que a gente vá mudar a vida dessa pessoa no sentido dela se expressar, dela conseguir fazer uma apresentação.” E4

"Desenvolver o interesse das crianças em artes, aí a minha parte é contribuída com a artes do circo... A criança vai

experimentando um pouquinho de cada possibilidade e aí ela se identifica com alguma e investe naquilo.” E8

“Limitações” surgiu a partir dos trechos que remeteram a infraestrutura física, como espaço físico e equipamentos, que podem influenciar diretamente na segurança e maneira com que o ensino pode ser organizado e, conseqüentemente, limitado. Além disso, em alguns casos, são citadas algumas possíveis melhorias para a infraestrutura ideal. Seguem os trechos que inspiraram esta subcategoria:

Sete sujeitos (E1, E2, E3, E4, E6, E7 e E8) descreveram os espaços das instituições as quais usufruem como pontos satisfatórios. Seguem os trechos que inspiraram esta subcategoria:

"A gente tem um tablado de ginástica (estrutura composta por carpete, madeira, molas e espumas a fim de amortecer impacto dos praticantes)... dá uma segurança melhor para a pessoa que vai treinar, temos várias estruturas de ginástica, espaldar, mini-tramp, cama elástica, se for fazer saltos treinar saltos. Eu acho ele [espaço] muito bom, muito seguro, com bastante material para a gente.” E1

"Eu trabalho numa sala grande, que tem bastante material, tem tecido, tem trapézio, tem colchão sarneige, tem kit de malabarismo, tem kit de equilíbrio, rola-rola, perna de pau, é... pé de lata, enfim, tem bastante investimento por parte da escola... eu acho que é uma estrutura boa, tem ar condicionado, a sala é bacana, tem um pé direito até razoável assim para trabalhar com circo para iniciação é suficiente.” E2

"A gente tem um pé direito de oito metros e meio de altura né. O salão é enorme... O espaço físico é o que a gente precisa.” E3

"O local é legal no sentido de ter altura, então é legal para a gente trabalhar os aparelhos, é... ele até é grande pela quantidade de aluno é suficiente.” E4

"Para se dar aula de tecido a gente precisa ter no mínimo cinco metros de altura para que a gente possa fazer algumas figuras, quedas, então, pelo menos de cinco metros. A academia lá me fornece uma altura de nove metros, então em tenho um espaço físico, um pé direito bem alto que dá para trabalhar muita coisa legal. A segurança minha lá é feito com tatame de EVA, não é a melhor proteção, mas também não é a pior. É uma proteção que auxilia naquilo que eu preciso, naquilo que eu quero passar para minhas alunas ali.” E6

"Tem um colchão, é um colchão que ela mandou fazer para o espaço mesmo, ele é bem resistente, tá bem tranquilo. O colchão é bem grande, então, nos aéreos a gente trabalha com ele e não com EVA que é mais seguro. Para o grau que a gente trabalha ali ela [infraestrutura] é ótima. Inclusive, eu treino ali e tá adequado, tá adequado." E7

"É uma estrutura um pouco simples, não é ruim, tem colchão, tem segurança, não é preocupante, mas eu acho uma estrutura simples... Pelo o que eu percebo a escola se preocupa com segurança" E8

Em contrapartida, o discurso entre diferentes sujeitos apontou possíveis melhorias a fim de se atingir uma infra-estrutura desejável. E5 e E10 descreveram aspectos estruturais, sendo o espaço físico o principal fator:

"Lá ainda é muito limitado em questão de estrutura para ensino de circo. Tanto que a gente não consegue nem pegar outros tipos de modalidades que exijam, por exemplo altura, tipo aéreos. Então, meio que a gente ficou limitado a acrobacias de solo e acrobacias em grupo. E mesmo assim, às vezes, a altura lá não é boa porque o teto limita um pouco o que a gente pode fazer, mas em contrapartida, é interessante que é o nosso foco natural de ensino, esse tipo de modalidade do circo. Mas mesmo para essa modalidade é insuficiente." E5

"Eu tenho que adaptar muita coisa. Inclusive a escola entrou em reforma esse ano. Então, eu tenho que limitar um espaço para eu poder usar. Eu dou aula no meio do pátio. Então essa parte é meio escassa... O ideal seria uma sala." E10

O cenário desejável ainda abordou sobre os materiais, segundo discurso de E1, E3, E4, E5 e E9:

"Só faltam os aéreos. Podia ter malabares." E1

"A melhoria seria nesse sentido, não de mudar a estrutura porque a estrutura que a gente tem é ótima. Mas a melhoria seria investimento em material." E3

"Eu queria muito mais colchões... queria mais colchões para a pessoa ficar treinando parada de cabeça, ficar treinando outras coisas enquanto não está usando aparelho. Eu ainda gostaria de poder equipar mais, ter mais colchão, ter colchão gordo, né. A gente tem um pouco de malabares também, mas é tudo muito reduzido, por não ter mesmo a verba para investir." E4

"Nós temos só um chão de madeira com placas de EVA e então faltam colchões do tipo sarneige, poderia ter um estrutura melhor de talvez uns trampolins, tem um espaldar lá que as vezes ajuda e tal, mas o interessante seria se tivesse uma estrutura melhor de segurança e de espaço... Então, a estrutura lá pode melhorar muito." E5

"A gente sempre busca melhorar em todas as partes... É mais equipamento, sempre vai surgindo equipamentos novos, mais modernos e a gente sempre está buscando isso...." E9

A subcategoria "Tendências sociais" agregou os trechos de como os sujeitos se veem inseridos no contexto das atividades circenses, bem como os possíveis cenários futuros, além de mudanças e melhorias na área.

Exceto E5 e E7 relataram a renda majoritária originada do circo, das próprias aulas de atividades circenses e ainda de performances, como nos trechos seguintes de E3, E9 e E11:

"A idéia era viver só de apresentações, mas a gente sabe que não dá... A gente vive hoje basicamente de aula." E3

"[Maior renda] do circo e das aulas particulares que a gente dá aula, de eventos também." E9

"A minha maior renda vem do circo." E11

Apesar disso, somente E5 e E7 se declararam não ter maior parte da renda proveniente das atividades circenses, mas uma renda extra:

"Eu tenho um emprego de quarenta horas semanais que é na verdade minha maior fonte de renda... E o circo acaba sendo um segundo trabalho, uma fonte alternativa de renda, apesar de ser o meu foco profissional, então, eu ainda me vejo buscando uma independência na área que eu escolhi." E5

"Eu trabalho com costura, então, eu faço confecção de figurino e, por enquanto, de diversa outras coisas, eu ainda não me foquei em uma coisa só. Mas estou fazendo figurino também, tanto para teatro quanto para circo. Eu to trabalhando mais com a costura do que com o circo." E7

Quatro entrevistados, E2, E5, E6 e E9, dissertaram sobre a disseminação do campo circense salientando seu crescimento recente. E2 e E5 ainda relatam a diversidade de atuação associada ao circo:

"Eu acho que o circo cresceu muito nos últimos anos, ele se aproximou da Educação Física né... sair... ele tá próximo do currículo das artes também, ele tá cada vez mais dentro da escola, pelo menos dentro da minha vivência, tá cada vez mais próximo... Eu acho que o circo ainda tem muito espaço para ganhar dentro de vários ambientes, eu acho que de um tempo para cá ele saiu de dentro da lona e foi para a sociedade de novo, eu acho que é uma coisa meio cíclica. A gente pode se preparar para trabalhar em vários lugares, tem gente trabalhando no hospital, tem gente trabalhando em escola, em instituição financeira, tem circo para todo lado, tem gente trabalhando na rua, tem gente trabalhando em situações precárias de condições físicas, tem gente trabalhando em situações boas." E2

"Eu acho que no Brasil, isso ainda tá andando e a gente começou, começa a ver agora também muitas escolas de circo surgindo, uma coisa que você não viu a um tempo atrás. Até na nossa cidade aqui né, a um tempo atrás tinha apenas, assim que eu conheci, a Cidade do Circo. Muito poucos focos de pessoas ensinando algumas modalidades fora, mas não ouvia muito falar. Hoje em dia já tem pelo menos duas escolas oficiais assim, que eu conheço. Eu já, você vê, eu tenho inúmeros colegas que trabalham com circo de alguma forma, dentro da sua área profissional, sabe?" E5

"Eu vejo que o circo ele tem ganhado uma proporção maravilhosa, tem crescido muito, muito mesmo. De quando eu comecei para como ele é hoje, já aí a dez anos, ele criou um corpo muito bom. Pessoas que começaram a trabalhar com circo... Eu lembro que quando eu comecei a trabalhar com circo a dez anos atrás referência de circo em Ribeirão era apenas a Cidade do Circo, e hoje eu vejo que existe vários outros polos espalhados em Ribeirão. E de Ribeirão já se espalhou para a região, e vai se espalhando, se espalhando, então, tem crescido muito." E6

"Desde muitos anos eles falam que o circo está acabando, está acabando mas não está e nunca vai acabar eu creio, pelo contrário, está ganhando mais força com a chegada do circo moderno... Objetivo maior é de dar continuidade na arte, não deixar morrer." E9

Por fim, como consequência dessa disseminação E2 expressa a grandiosidade compreendida relativa ao circo utilizando-se das atividades circenses:

"As pessoas de hoje em dia estão entendendo e valorizando um pouco mais o que é esse trabalho aí que a gente faz, que

não é simplesmente só ensinar movimentos né, vai um pouco além disso dentro da nossa cultura corporal de movimento a gente tá ampliando esse repertório e possibilitando que pessoas ampliam o repertório delas também né.” E2

7 DISCUSSÃO

Nesse último momento do método utilizado apresento o modelo teórico baseado na análise dos dados. Um panorama geral pode ser visto a partir das categorias previamente descritas que são citadas e, assim, embasam e contextualizam o modelo (Figura 4).

Figura 4. Ilustração do modelo teórico: Ensino.

A questão primeira desse estudo foi criar o mapa das atividades circenses. O eixo principal, ou categoria principal se apresentou como “ENSINO”, com a ressalva de que esse estudo se pautou e se limitou apenas na ótica de instrutores de atividades circenses da cidade de Ribeirão Preto-SP.

Assim, as considerações e relações são pertinentes ao referido contexto e não necessariamente se aplicam de maneira global. E mais, apesar de subjetiva, tentou-se ao máximo uma análise neutra e não tendenciosa como sugere Charmaz (2009).

Apesar de aspectos mais relevantes e outros menos, todos os discursos chegam ao “ENSINO” e foram descritos suas diversas influências e reflexos. As três categorias “VIVÊNCIAS DA PRÁTICA”, “CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO” e “DINÂMICA DA SOCIEDADE” se relacionam o tempo todo influenciando a maneira com que os instrutores atuam no ensino.

A primeira categoria, “VIVÊNCIAS DA PRÁTICA”, demonstrou a grande influência das escolas de circo na questão do “aprender a fazer” para os entrevistados, sendo que cinco deles iniciaram dessa maneira, em busca de uma atividade física prazerosa. Além disso, como pode ser visto na Tabela 2, tanto o que teve início autônomo quanto três dos que tiveram início por motivos profissionais, posteriormente, buscaram fazer aulas em escolas de circo. Todos os entrevistados citaram ter conhecimento das escolas de circo Cidade do Circo e Espaço Profissional como local de ensino de atividades circenses. Dentre elas a Cidade do Circo foi citada por sete desses indivíduos que praticaram nesse tipo de instituição e dois afirmaram ter frequentado outra escola. Um aspecto que merece notoriedade é que o Espaço Profissional foi fundado a partir de praticantes da primeira, o que demonstra o pioneirismo da Cidade do Circo no campo circense na cidade de Ribeirão Preto. Toda essa relação é demonstrada neste trecho de E3:

“Aí depois conhecemos a Cidade do Circo, que foi a primeira escola né, que veio para Ribeirão. Conheci os meninos, conheci o João, conheci o André que a gente trocando idéia ali, as vontades meio que batia e “pô, vamos começar a trabalhar juntos, pesquisar juntos e ver o que rola” e estamos juntos até hoje... Não me arrependo dessa escolha, mesmo, foi uma coisa que deu certo, hoje a gente tem escola, tem trabalho, tem um monte de coisa aqui, tem, de certa forma, um nome aí, o pessoal conhece.” E3

A seguir a fachada e espaço das aulas da Cidade do Circo (Figura 5 e 6) e a fachada do Espaço Profissional (Figura 7).

Figura 5. Ilustração da fachada da escola de circo Cidade do Circo em Ribeirão Preto-SP.

Figura 6. Ilustração do espaço das aulas da escola de circo Cidade do Circo em Ribeirão Preto-SP.

Figura 7. Ilustração da fachada da escola de circo Espaço Profissional em Ribeirão Preto-SP.

Para esclarecer melhor esse ponto foi ilustrada uma “árvore genealógica” de como foi a iniciação da prática das atividades circenses pelos entrevistados (Figura 8).

Figura 8. Ilustração da “árvore genealógica” da iniciação da prática das atividades circenses pelos entrevistados.

* iniciação por motivo profissional.

Nessa ilustração, a relação entre os entrevistados e suas iniciação com as atividades circenses fica um pouco mais clara. Podemos considerar E9 juntamente com sua escola de circo, Cidade do Circo, como a primeira “geração”. Em seguida, E1, E2, E3, E5, E6, E8, E11 e a escola de circo Espaço Profissional como sendo a segunda “geração”. Por fim, E4, E7 e E10 como sendo a terceira “geração”. O Espaço Profissional foi considerado como segunda geração por ser oriundo de alunos da Cidade do Circo, primeira geração. E10 teve seu primeiro contato por meio de seu irmão que teve aula na Cidade do Circo, por isso foi considerada como sendo de terceira geração.

Todo esse processo em Ribeirão Preto é recente, o que remete uma relação com a categoria “tendências sociais” dentro da “DINÂMICA DA SOCIEDADE”, que ocorre a partir de 2002, quando a Cidade do Circo inicia suas atividades, proporciona acessibilidade a linguagem circense a população local e regional e corrobora Matheus (2016).

“O fato novo na história recente do circo, o surgimento das escolas, modificou radicalmente a linguagem circense. Se por

mais nada, ao menos por tornar muitos dos saberes circenses acessíveis a toda a população." (MATHEUS, 2016)

Da mesma maneira, Duprat e Bortoleto (2007) afirmam que existe democratização no ensino do circo a partir de escola. Isso ainda é descrito e reforçado pelo discurso de alguns entrevistados como no seguinte relato de E6:

"Eu lembro que quando eu comecei a trabalhar com circo a dez anos atrás, referência de circo em Ribeirão era apenas a Cidade do Circo, e hoje eu vejo que existe vários outros polos espalhados em Ribeirão. E de Ribeirão já se espalhou para a região, e vai se espalhando, se espalhando, então, tem crescido muito." E6

A recente disseminação e expansão do ensino do circo em Ribeirão Preto, acompanham o cenário nacional como é relatado em outros trabalhos científicos como em Duprat (2014):

"A multiplicação de estabelecimentos e projetos que se dedicam a ensinar circo, principalmente com um crescimento acentuado nos anos 2000, certamente vem influenciando o mercado de trabalho, ampliando os diversos usos do circo e promovendo a inclusão de diferentes agentes formadores, advindos de diversas áreas do conhecimento." (DUPRAT, 2014)

Este curto tempo de disseminação foi acompanhado pela brevidade da preparação e formação dos instrutores. É interessante notar que o intervalo de tempo entre o início da prática das atividades circenses e o início da atuação como instrutor é bem reduzido. Com duas ressalvas para o indivíduo de família circense (E9) e de E5, todos os outros relatam um intervalo de no máximo 2 anos (Tabela 2). Isso pode ter sido causado pela rápida expansão do campo associada à escassez de mão de obra. Além disso, associando aos "tipos de educação" dentro de "CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO", esse tempo não é hábil para que um sujeito tenha a formação formal adequada nesse campo. No caso, o único curso superior na área circense reconhecido pelo MEC a Escola Nacional do Circo (ENC), estabelecida na cidade do Rio de Janeiro e com duração de 3 anos e meio (7 períodos); ou mesmo a pós graduação *lato sensu* na PUCPR também na área circense, com duração de 2 anos, porém, com pré-requisito de curso superior, com

duração mínima de 3 anos, totalizando 5 anos. Esses dois meios de ensino formal foram citados por alguns indivíduos:

"A pós-graduação, apesar de não ser diretamente ligado a área que eu me formei, que foi farmácia, é voltada para essa área, atividades acrobáticas do circo e da ginástica... Essa pós tem duração de dois anos e foi feito na PUC de Curitiba. Uma vez por mês durante esses 24 meses." E5

"Eu sinto falta, aqui em Ribeirão, de uma profissionalização mesmo, sabe? Porque a gente tem vários lugares que dão aula, mas não tem aquela coisa igual a Nacional, que é reconhecida pelo MEC tudo. Não tem nada que te dá um respaldo maior, igual, eu não tenho uma formação certa em circo, e eu queria só que eu não tenho como ir para o Rio, eu não tenho como ir para Curitiba." E7

"A Escola Nacional, hoje, é reconhecida pelo MEC, então, seria um curso técnico mas reconhecido pelo MEC. Seria uma grande possibilidade..." E8

Esses discursos demonstram a preocupação com o ensino formal apesar dos dados apresentados, com o curto tempo de preparação dos instrutores a partir de sua iniciação com as atividades circenses. Além do ensino formal sobre as atividades circenses todas as "gerações" demonstraram apreço para o ensino formal independente da área. Seis têm ensino superior (E2, E4, E5, E9, E10 e E11) e dois cursam ensino superior (E1 e E6). Se pensarmos por instituição de ensino analisada (Tabela 1) quatro instituições se apresentaram sem instrutores com formação superior de acordo com os entrevistados, apesar disso, em duas dessas há instrutores fazendo um curso superior. As outras sete instituições apresentaram pelo menos um instrutor com formação superior. Isso reforça a preocupação e valor dado a formação formal pelas próprias instituições em que as aulas acontecem.

A Educação Física foi citada como área de maior ênfase pelos entrevistados, dois são graduados (E2 e E10) na área e quatro deles graduandos (E1, E5, E6 e E9), sendo que dois desses já tem uma graduação (E5 e E9). Esses sujeitos percebem que a formação em Educação Física pode oferecer algo a mais para a atuação profissional no circo, como o conhecimento do corpo, como funciona, sua estrutura, sua pedagogia, sua preparação corporal. Apesar dessa preocupação com a educação formal E6 deixa claro que no cenário atual essa educação não se faz necessária para atuação profissional da área:

"Eu me qualifico um profissional habilitado para tal atividade, porque atualmente um profissional circense, ele não precisa ter uma formação acadêmica para exercer sua função." E6

Duprat (2014) destaca que o Ministério do Trabalho e Emprego reconhece somente o exercício da profissão de Artista e Técnico de Espetáculos de Diversão. Para tal reconhecimento o profissional deve estar inscrito no Ministério do Trabalho com registro na Delegacia Regional do Trabalho (DRT), contudo isso se refere somente a artistas e técnicos como já citado, não regulamenta instrutores ou professores da área circense.

E5 e E9 deixam muito claro o valor atribuído ao ensino formal:

"Eu vi uma necessidade minha de seguir isso como profissão e buscar formas de me capacitar, de me certificar em relação a isso." E5

"Eu vejo a necessidade de ter uma formação, ou quem já tem ter uma segunda formação na área... É uma necessidade mesmo. A gente precisa meu, senão o mundo te engole. Ou você vai ter uma formação, ou meu amigo vai ficar para trás." E9

Isso vai de encontro e dá suporte ao sugerido por Duprat (2014) a respeito da inclusão do campo circense no ensino formal, reconhecido pelo Estado e buscando maior integração com a sociedade. No trecho seguinte de sua pesquisa o autor relata o cenário muito semelhante ao encontrado pelos instrutores de Ribeirão Preto:

"Hoje observamos um grande número de novos profissionais circenses formados em diferentes áreas do conhecimento – desde história, sociologia, filosofia, dança, teatro, educação física e pedagogia, entre outras – cursando pós-graduação em suas respectivas áreas tendo o circo como foco de pesquisa. Além disso, não podemos nos esquecer dos diversos artistas circenses, que receberam os saberes que compõe essa arte de seus pais e avós, considerados mestres nessa arte, e que o valor desses conhecimentos é indescritível. " (DUPRAT, 2014 , p. 136)

Apesar dessa preocupação com o ensino formal dois discursos demonstraram deficiências no ensino do campo circenses, seja ele diretamente ligado ao circo, como o caso na pós graduação da PUCPR por E5, ou não, como dentro do curso de Educação Física por E6:

“A pós [PUCPR] na verdade foi meio que uma mistura de temas... A parte circense, na verdade, acabou se atendo a coisas mais, como a maioria das pessoas que deram os módulos voltados para o circo eram artistas também, é... Eu senti um pouco de falta de... De uma coisa mais pedagógica, de progressão, de você vivenciar, como ensinar, de que forma ensinar aquilo. Então, eu senti um pouco de falta dessa parte circense.” E5

“Dentro da faculdade, pelo menos na instituição onde eu estou fazendo, não existe uma... Pelo menos o básico do básico de aulas de circo.” E6

Essa lacuna das atividades circenses no ensino formal vai ao encontro ao próprio Duprat (2014, p. 140):

“Em muitos países, essa formação em escolas especializadas é reconhecida pelo Ministério da Educação, tanto em nível técnico como em nível superior. Dentro dessa perspectiva, essas instituições de ensino apontam dois eixos principais de formação do profissional circense: um artístico e outro pedagógico. No Brasil, porém, nenhuma dessas formações é reconhecida pelo Ministério da Educação, fato que demonstra um atraso brasileiro em relação a outros países.”

A formação profissional estudada por Duprat (2014) foi baseada na FEDEC (Federação Europeia de Escolas de Circo Profissionais) e divide essa formação em quatro níveis, sendo lazer e recreativo; preparatório; profissional ou nível superior; e educação continuada, cada uma com sua especificidade. O lazer e recreativo busca apropriar-se do circo sem preocupações com a formação profissional, priorizando o divertimento e incentivar o gosto pelo circo. O preparatório visa preparar os praticantes ao ingresso nas escolas profissionalizantes. O profissional ou nível superior busca formar novos artistas para o mercado de trabalho. E, a educação continuada, tem como foco desenvolver e atualizar profissionais que já atuam na área.

Por exemplo, no Canadá, a École National de Cirque em Montreal oferece formação nesses diferentes níveis. A formação pedagógica de iniciação tem carga horária de 180 horas para atuação sob supervisão de um instrutor ou formador; a formação de instrutor é de 360 horas; e de formador de 720 horas. Além disso, há

uma formação artística com certificação também, todos com reconhecimento do Ministério de Educação, Lazer e Esporte de Quebec (DUPRAT, 2014).

Fica claro que a falta do reconhecimento do Ministério da Educação faz com que os poucos locais de ensino circenses apresentem deficiências e dificuldades em questão de acesso e de organização curricular, ocasionando o atraso citado pelo autor.

Esse cenário todo, desde a restrição temporal para atuação como instrutor das atividades circenses até a carência de subsídios pedagógicos no ensino formal, proporcionou maior ênfase e acesso pelo ensino não formal, como é relatado em diferentes discursos de todas as “gerações” e também na literatura (DUPRAT, 2014):

"Eu fui atrás de buscar uma formação nas escolas de circo daqui de Ribeirão Preto e aí eu fiz aula durante uns dois anos"
E2

"No circo nós fazemos muito workshop, cursos com profissionais da área né. Já fiz vários cursos em palhaço, para aprimorar a técnica palhacesca e acrobático já fiz oficina com galera do Soleil, com pessoa de fora do país, galeras bem conceituadas fora do Brasil também, muito bacana. Já participe de congressos e festivais de circo, onde a troca é sempre fantástica." E6

"Eu costumo fazer workshop com a Karina né, quando ela vem do Rio eu faço workshop com ela. Inclusive, ela voltou agora e eu quero fazer mais. É... E eu tento ir no Espaço Profissional as vezes... Para continuar o que eu comecei." E7

"Já participei de um [workshop] que foi com os Parlapatões que foi muito bom, muito bom. Já participei também com uma galera de fora, um francês, vixe..." E9

"Eu já tive três vivências... em algumas convenções, alguns encontros de circo é bem comum você encontrar algumas pessoas que estudam a parada de mãos... Os cursos que eu fiz foram esses, que não são cursos que vem com diploma, até porque não existe um registro ainda disso, burocrático, dessa modalidade mas são encontros, que eu levo como oficinas, como workshops e grandes experiências que eu tive." E11

Esses trechos demonstram maior acesso e frequência dos entrevistados ao ensino não formal e que esse ensino tem sua maior parte efetivada por artistas e

performáticos, a porção de profissionais voltados para o ensino é baixa. Além disso, como relatou E6 e E11, convenções, congressos e festivais promovem contatos, troca de conhecimento por meio de oficinas, bate-papos, treinos livre e campeonatos proporcionando assim um ensino informal como descrevem Fernandes, Ribeiro e Bortoleto (2016, p. 175):

"Os participantes chegam ao local, conversam, fazem um aquecimento e treinam. São encontros abertos, não somente no que diz respeito ao acesso ao espaço físico, mas também no formato em que eles acontecem. A participação é livre. Qualquer pessoa que quiser pode participar, seja treinando uma modalidade circense, seja como observador. Os participantes mais experientes nas modalidades ensinam e auxiliam os iniciantes nas práticas, e os conhecimentos se somam ao se estabelecer uma relação horizontal entre quem ensina e quem é ensinado."

Além da segunda "geração", o ensino informal foi demonstrado também na primeira "geração" no discurso de E9, porém, nesse caso em decorrência familiar, em que o meio social proporcionou toda vivência e experiência envolta do universo circense:

"A gente que veio de família tradicional de circo é assim, você tem que fazer de tudo, porque o dia que o malabarista tiver machucado, ou não poder trabalhar, você faz. O dia que o palhaço não dá para trabalhar você faz, por isso que tem essa tradição do cara do circo aprender de tudo. Tem uns, tipo você vai para a Europa é meio que obrigado e isso, eu já vi, e inclusive, em pleno século vinte eu já vi filhos de oito anos apanhar para aprender. Comigo não foi assim, mas por outro lado eu queria que fosse assim, que aí eu seria mais fera nas coisas. Meu pai foi meio molengão comigo, na verdade foi mais meu irmão mais velho, mas eu queria ter um treinamento mais severo, mais duro, acho que eu seria bem melhor." E9

Nesse trecho é possível ver a ênfase que se deu ao "fazer de tudo" e a necessidade do "fazer de tudo" em meio às adversidades possíveis do circo quanto ao espetáculo, relacionando a discussão aos conteúdos da categoria "demanda social" dentro da "DINÂMICA DA SOCIEDADE". Ainda a citação sobre o pai e o irmão mais velho que ensinam o entrevistado vai de encontro com ao trabalho de Assis (2015), como relata no seguinte trecho:

"Os mais velhos se encarregam de transmitir o conhecimento às gerações novas e essa transmissão identifico como sendo a base de uma pedagogia. Os conteúdos de ensino são passados de pai para filho e as técnicas são adquiridas no ensino prático e por meio do treinamento. O circo também possui momentos em que o ensino e a aprendizagem se dão de modo informal e recreativo quando "de brincadeira" uma pessoa "ensina" a outra a sua atividade, o seu número, algum segredo da arte, etc..." (ASSIS, 2015, p. 19)

A família circense tradicional tem a manutenção da transmissão oral dos saberes e práticas circenses, que ocorre de geração a geração. Ela é pautada no regime patriarcal, o qual o homem se torna chefe da família, com uma hierarquia de acordo com a idade, ou seja, os filhos mais velhos tornam-se o herdeiro natural do circo e responsável (SILVA & ABREU, 2009). Isso converge aos discursos relatados na qual os mais velhos ensinaram E9 e Assis (2015).

A partir disso, na instituição de ensino onde E9 ministra aulas há tentativa de se manter a idéia desse "fazer" multifacetado herdado de suas vivências e aprendizado:

"Tem o tecido, a lira, tem o trapézio, trapézio duplo, trapézio triplo, tem tecido marinho, corda indiana, tem lira, lira dupla, straps, que é a faixa, tem slackline, cama elástica, trampolim, no solo acrobacia de solo, entra a parte de contorcionismo também... Na escola em si não tem essa, a gente tenta passar, aqui o nosso lema é "Pô, fazer tudo", tem pessoas que quer vim para só fazer tecido, a gente instrui que é bom aprender de tudo, tanto para a parte física quanto pela própria arte em si."
E9

Por outro lado, esse "fazer" multifacetado desenvolvido pela família circense difere do circo contemporâneo ensinado nas outras instituições atendidas, como demonstra E3 e E10:

"Não dá para a gente falar que a gente é circense de fato que a gente não trabalha com tudo que envolve o circo, a gente trabalha com algumas coisas." E3

"Separaram [o circo], não é aula de circo, que tem o palhaço, o equilibrista, o trapezista. Não, tem aula de aéreo, então a pessoa vai fazer só trapézio, ou só tecido, ou só solo, fizeram umas outras modalidades aí com o circo." E10

Nessas instituições há apelo maior para acrobacias de solo voltados para a ginástica e acrobacias aéreas, sendo mais frequentes a lira, tecido e trapézio, que também são apresentadas na instituição de E9, porém aparentam maior variedade de conteúdos.

Retornando a “tipos de educação” de “CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO” associados a “tendências sociais” de “DINÂMICA DA SOCIEDADE” a divulgação desses eventos de ensino não formal e informal acontecem principalmente por meio da internet como relata E6 e E11:

"Atualmente a gente tem uma ferramenta maravilhosa, que é a boa e velha internet. Então, sempre fico sabendo através de divulgações de facebook, mails, coisas do tipo assim, e acabou pesquisando, procurando sobre e sempre vou atrás, quando é algo que me interessa, algo que vem somar na minha carreira eu tento fazer." E6

"A gente fica sabendo e descobrindo coisa através da internet, porque tem lugares, por exemplo, que eles não fazem uma propaganda tão grande porque é número limitado, então você tem que conhecer o fulano, que conhece beltrano e indica "Ó, vai em tal lugar que vai rolar um curso assim que é vaga limitada", porque é isso, o mundo que agente tá dependendo o curso não é aberto para qualquer um." E11

Da mesma maneira, é descrito na literatura por Fernandes, Ribeiro e Bortoleto (2016) se referindo a encontros circenses em Campinas e São Paulo:

"Ambos os encontros são agendados por meio da internet, e os praticantes em geral tomam conhecimento dos eventos por meio de redes sociais, do "boca a boca" e por meio de convites de amigos." (FERNANDES; RIBEIRO; BORTOLETO, 2016, p. 178)

A internet além da divulgação de eventos, congressos, encontros, convenções, oficinas e cursos pela internet como já citado, também proporciona fonte de conhecimento e referências de acordo com os entrevistados, E7 e E8, de terceira e segunda “geração”, respectivamente:

"Pesquisei muito na internet também. Em busca de movimentos novos, o que trabalhar com crianças, o que é interessante para a criança, o que vai chamar mais atenção. Então, isso

eu pesquiso bastante. Com vídeos, tem bastante vídeo-aulas que as vezes a gente acha na internet, que é bem legal.” E7

“Quando eu tenho alguma questão que vem a cabeça ou, de repente, durante alguma aula eu procuro no Google cara, internet. nunca peguei livro... Tem um livro que uma vez eu li mas eu não lembro o autor, era um livro que falava sobre tecido... mas não agregou conhecimento para mim. Eu acho que não modificou o meu jeito de dar aula o livro não. Então, agora, as vezes, uma hora ou outra que já influenciou na aula foi internet.” E8

No mesmo sentido Garbin (2009) descreve o site Pindorama Circus proporcionando resgate de memórias e informações sobre escolas, cursos e projetos. Há ainda o site Circonteúdo (www.circonteudo.com.br), que inclui todas as informações atualizadas e revisadas desse primeiro site, além de produzir e divulgar, pesquisas, eventos, notícias, circos itinerantes, escolas de circo, trabalhos artísticos, educacionais e científicos por meio de matérias escritas, vídeos.

Além da experiência prática e da internet os entrevistados também relataram fontes de referências para o ensino, dando maior ênfase a “referências” da “CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO”. Como já citado a partir de iniciou-se um aumento dos estudos acadêmicos sobre o circo, tendo maior intensidade após 2000 (ONTAÑÓN; DUPRAT; BORTOLETO, 2012; KRONBAUER & NASCIMENTO, 2013), esse movimento foi acompanhado por alguns entrevistados da primeira e segunda “geração”. Alguns autores foram pontuados mais especificamente no meio circense como nos seguintes trechos:

“Eu leio muito material do Marco Bortoleto... Eu acho que de circo no Brasil é ele. Então, eu acompanho muito o material dele.” E3

*“Quem publica muito e encabeça muitas orientações a respeito disso, já publico livros e vários artigos, por exemplo, é o Marco Bortoleto, lá da UNICAMP que eu citei. Tem o Rodrigo Mallet, que é um dos orientadores dele.” E5**

“Existe alguns estudiosos aí que tem jogados livros, jogado no bom sentido, ter colocado livros no mercado para que a gente possa pesquisar. Então, a gente tem o Carlos Sugawara de São Paulo, ele fez um livro maravilhoso, não vou lembra o nome agora, mas o Marco Bortoleto, de Campinas, tem dois livros... que para quem está começando na área e quiser ter uma base para saber aonde procurar o que fazer a atividades

* Apesar do relato feito por E5 é sabido que Rodrigo Mallet, na verdade, foi orientado de Marco Bortoleto e não seu orientador

circenses é maravilhoso, tem volume um e volume dois, é... Mário Fernando Bolognesi, alguma coisa assim, ele tem um livro... que é muito legal também para ser ter um direcionamento dos circos brasileiros, dos circos do mundo, dos palhaços brasileiros...” E6

Três deles citaram Marco Bortoleto como fonte de referência no campo circense, além disso, foram citados Mário Fernando Bolognesi, Rodrigo Mallet e Carlos Sugawara.

Marco Antônio Coelho Bortoleto apresenta trajetória rica no campo circense. Graduado em Educação Física pelo Universidade Metodista de Piracicaba, mestrado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutorado pelo Universidade de Lleida na Catalunha, Espanha. É livre docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP com foco de pesquisa em ginástica e circo. Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses (CIRCUS – FEF – UNICAMP). Parceiro do Departamento de Casting do Cirque du Soleil na área de acróbatas e ginastas e membro do comitê de Ginástica Para Todos (GPT) da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Autor de 6 livros no campo circense e autor de diversos capítulos de livros, sem enumerar artigos científicos na área.

Mário Fernando Bolognesi é graduado em filosofia pela UNESP, mestre e doutor pela Universidade de São Paulo em Artes, atualmente é professor titular do Instituto de Artes da UNESP-São Paulo e diretor de circo. Autor de um livro no campo circense e inúmeros artigos científicos.

Rodrigo Mallet Duprat é graduado em Educação Física pela UNICAMP, onde também se titulou mestre e doutor, integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses (CIRCUS – FEF – UNICAMP), onde realiza estudos acadêmicos. Autor de um livro no campo circense e de três capítulos de livros. De espectador e apreciador da arte do circo passa a praticante a partir de um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A prática se intensifica e começa a realizar apresentações artísticas participando de diversos espetáculos. Tem sua formação artística pautada principalmente em cursos livres com artistas e profissionais do campo.

Por fim, Carlos Sugawara é graduado em Artes pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), estudou no Centro de Formação Profissional em Artes Circenses (CEFAC) em São Paulo e trabalhou em diversas escolas de circo e também com

apresentações artísticas. Fez curso na Escola Nacional de Circo de Montreal. Além disso, é autor de um livro circense de tecido e corda lisa.

Os autores citados apresentam diferenças na relevância do campo circense, entretanto, são de grande importância devido as biografias citada, o que justifica serem lembrados por alguns instrutores entrevistados.

Outros citaram ter conhecimento de materiais e referências teóricas, porém sem se recordar nomes mais específicos:

“Eu já vi, já vi livros já, tem um livro que uma vez eu li mas eu não lembro o autor, era um livro que falava sobre tecido até é um brasileiro que fez esse livro, um cara muito inteligente, mas não agregou conhecimento para mim.” E8

“Tem um livro também que eu trouxe da... De Portugal ou da Espanha, eu não lembro, falta te colocar no trapézio sozinho e te ensinar, então ele tem vários, vamos dizer assim, como se fosse uma aula, muito bom mesmo.” E9

Apesar da ciência sobre as fontes referenciais teóricas do circo nem sempre foram vistas com satisfação ou como suficientes:

“Tem um pessoal lá da UNICAMP, em Campinas, que tá mais focado nisso, então há uma produção maior em relação a parte circense, mas ainda muito pouco se a gente comparar com a realidade de outros países... Eu ainda vejo como referências teóricas insuficientes ainda. Para a demanda que surgiu no Brasil já.” E5

“Já vi livros já, tem um livro que uma vez eu li mas eu não lembro o autor, era um livro que falava sobre tecido até é um brasileiro que fez esse livro, um cara muito inteligente, mas não agregou conhecimento para mim. Eu acho que não modificou o meu jeito de dar aula o livro não.” E8

“Conheço [referências teóricas], até tem bastante coisa cara, mas assim, tem coisas que foram pessoas não de circo que escreveram e tem livro que é, para mim, para o meu conhecimento eu não gostei muito, não gostei porque foge muito do que realmente é, tanto na prática, quanto na teoria.” E9

A terceira “geração” relatou não conhecer referências específicas das atividades circenses, além disso, E4 afirma não conhecê-las:

"Não conheço mesmo [referências teóricas sobre circo], é aquela coisa de sempre a prática, né..." E4

Esse fenômeno com as referências circenses de insatisfação e desconhecimento podem ter algumas origens como falha no acesso e na divulgação desses materiais ou ainda falta de entendimento para relacionar a teoria com aplicação contextualizada, como cita E7:

"São materiais caros e na maioria das vezes importados, que a gente não encontra no Brasil. E que para importar para cá ia ficar bem, bem caro." E7

Apesar disso, referências teóricas de outras áreas foram citadas em todas as "gerações" como ginásticas, teatro, dança e ioga:

"Muito baseado na área da ginástica, porque a ginástica é uma área muito pedagógica, então, sempre vem de educativos para você ir fazendo. Depois pega um pouco da parte de preparação física, que aí a parte de anatomia e cinesiologia" E1

"De teoria eu sou bem defasada, o que eu acabo usando são alguns teóricos do teatro, por exemplo, Laban, que trabalhava muito na expressão corporal, eu uso alguns exercícios, adapto alguns exercícios para trabalhar com o circo também. Mas realmente na parte teórica..." E4

"Tem livros bons, muitos bons mesmo que eu vi, gostei e indico. Não só livro de circo, tem o livro que chama O Corpo Fala, muito bom o livro, muito bom, muito bom mesmo. Te dá uma base muito boa para trabalhar o corpo dentro do circo." E9

"Tem um livro que eu me apeguei muito, por muito tempo que esclareceu muita coisa que é a Anatomia da Ioga. Eu tenho agregado muito com meu trabalho da parada de mãos, mas eu acho que está vindo mais do teatro, da dança do que propriamente do circo, é curioso isso." E11

Essas relações são muito compreensivas e justificáveis visto que o circo abrange diferentes áreas e linguagens passando pela música, dança, teatro, performance, artes plásticas (WERNECK, 2015), sendo a "arte do diverso" (CASTRO, 2007), é múltiplo, é uma mistura (MATHEUS, 2016). Tamaoki em entrevista para Matheus (2016) descreve "o circo é o lugar onde todas as artes se encontram". Características como o risco, a disciplina, a busca pelo movimento mais

complexo e a estética dos movimentos das ginásticas (NUNOMURA & NISTA-PICCOLO, 2005) as aproxima do circo, além dos próprios elementos técnicos. Esses atributos geram uma sobreposição ampla entre essas áreas e por conta disso é frequentemente remetido pelos entrevistados.

E2 e E11 enfatizam a riqueza de se ter diferentes referências para o circo, ou seja, o conhecimento circense deve vir de outras áreas:

"Eu acho que o mais importante é como a gente entende o circo, como a gente consegue abrir, ver o que que as pessoas estão buscando, retornar e buscar fora também né... Eu acho que isso não dá para ficar buscando só dentro do circo." E2

"Eu acho que as referências, elas estão aí e nem sempre elas são encontradas em livros específicos daquela linguagem." E11

Essa abrangência do circo é ressaltada no "aprender a fazer" de "VIVÊNCIAS DA PRÁTICA", em que quatro entrevistados que tiveram influência profissional, demonstrando também a demanda para com o campo. No caso os trechos citados são relacionados ao teatro, recreação e a própria área circense, na área educativa ou performática.:

"Eu comecei quando, por conta do teatro, quando eu fiz faculdade de artes cênicas uma das peças que eu trabalhava era uma trupe de circo contando uma história." E4

"Eu trabalhava com oficina de férias, e aí eu tava sentindo a necessidade de trazer alguma coisa diferente, e aí eu comecei a conhecer alguns amigos que praticavam atividade circense e comecei a trazer para dentro do meu espaço ali, trabalhando com crianças em oficinas extras." E2

"Comecei com meu irmão, ele tinha oficina e aí eu comecei como estagiaria dele...Eu comecei a ensinar primeiro, não sabia muita coisa. Então, eu sabia mais ensinar, na verdade eu auxiliava nas aulas, ele dava as aulas e eu ajudava com montagem, desmontagem de palco, brincadeiras, essas coisas. Quem dava no início a atividade era só ele. Mas depois, com o tempo, eu fui aprendendo." E10

"A idéia era treinar e apresentar, porque a gente fazia... Esse amigo tem uma empresa até hoje, que é a Fábrica de Ilusões, e até hoje ele faz performance e tudo mais, então a idéia era essa." E3

Associando a “demanda social” em “DINÂMICA DA SOCIEDADE” diferentes tipos de instituições são atendidas pelos instrutores entrevistados, entre escolas regulares, escolas de circo, escola de artes, ONGs, academias, projeto de extensão universitária e assessoria. Dentro desses espaços foram pautados diferentes enfoques, independente da “geração”, a questão da ludicidade como aspecto recreacional e a questão artística se mostraram presente independente da idade, entretanto, a atividade física e a performance se mostraram mais claras no público adulto. A questão da atividade física também é relatada no público infantil, porém como secundário, já o aspecto performático não é priorizado. Nos trechos seguintes vale recordar que E3, E4, E6 e E11 atende adultos, e E8 crianças:

“O foco principal é trazer uma atividade diferente para os alunos... A maioria vem só pela atividade física ser diferente de uma academia. A gente pesquisa algumas coisas, então o objetivo maior é ser uma atividade diferente mesmo, que não seja da academia.” E3

“Ela [instituição] sempre tenta, tanto com as aulas de teatro quanto as aulas de circo, ela tenta fazer com que o... aquilo vá além de uma atividade, mas não pensando que eles né... vou formar profissionais, mas que a gente vá mudar a vida dessa pessoa no sentido dela se expressar, dela conseguir fazer uma apresentação.” E4

“A procura é, além de aprender uma modalidade circense, algo lúdico, vai se exercitar, ao mesmo tempo.” E6

“Pelo o que eu percebo a escola se preocupa com segurança, mas não vai investir para formar grandes artistas, entendeu? Não vai sair um... Pode até que ele se encaminhe para alguma escola e de lá ele se forme um grande artista, mas dali não vai sair não.” E8

“O foco sempre a parada de mãos, o foco é tentar trazer o resultado da parada de mãos, que a pessoa permaneça em parada de mãos sem a parede e com segurança e com a linha quase que perfeita... Objetivo técnico.” E11

Foi citado por E3, E5 e E6 a maior adesão do gênero feminino nas aulas que abrangem adultos, entretanto, nenhum deles justifica o possível motivo dessa procura. Esse fato também foi encontrado por Soares e Bortoleto (2011), o qual

verificou maior incidência de mulheres praticantes em academias de ginástica da cidade de Campinas-SP.

Retomando a questão da diversidade das instituições atendidas e aspectos priorizados diferentes autores pontuam essa mesma conjuntura das atividades circenses abrangendo diferentes objetivos, performance, social, recreação e educação (BORTOLETO & MACHADO, 2003; DUPRAT & BORTOLETO, 2007; SACCO & BRAZ, 2010, DUPRAT, 2014) e provocando a produção do desenvolvimento da conduta humana como a criatividade, expressão corporal, cooperação, auto superação, respeito, solidariedade, tolerância e autonomia (WERNECK, 2015). Essa discussão remete a relação entre “demanda social” e “filosofia de trabalho” da “CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO”, pois o esperado pela sociedade depende também dos princípios da própria prática.

Dentro da “filosofia de trabalho” os entrevistados pontuaram algumas características e princípios do circo e indiretamente das atividades circenses. Dentre esses pontos se destacaram a inovação, o desafio, o aperfeiçoamento, a ludicidade, a coletividade e o amor. O primeiro ponto, inovação, foi citado pela primeira e segunda “geração”:

“Quando a gente tá ministrando aula de circo tem que ser um negócio diferente, então, você não pode cair numa rotina, numa mesmice, na rotina, no arroz com feijão do dia-a-dia. Eu preciso variar, eu preciso trazer uma nova linguagem.” E6

“A gente nunca sabe muito, tem que estar sempre buscando e buscando, a gente fala que o saber não ocupa espaço, então a gente tem que estar sempre inovando porque senão a gente fica para trás.” E9

Esse aspecto é da própria arte que tem como característica produzir o novo (MATHEUS, 2016). Da mesma forma, Ermínia Silva é citada por Ribeiro (2009):

“A gente diz que quem pratica a arte circense é um aprendiz permanente. Isso porque cada vez se aprende algo novo sempre. No começo é um salto, depois uma pirâmide e assim vai.” (SILVA apud RIBEIRO, 2009, p. 1)

A consequência dessa inovação é a busca pela superação de novos desafios como é pontuado pela primeira e segunda “geração” tanto em adultos quanto em

crianças, e isso é refletido nos praticantes e nos instrutores quando os alunos conseguem superar esses novos desafios:

"Eu tenho variados tipos de crianças...Eles buscam alegria, diversão, então ... e desafio, eu acho que o básico da criança ali é, a maioria deles ali procura o desafio mesmo." E2

"As pessoas gostam de lá porque gostam de desafiar né, de vencer os próprios... as travas, os medos né... [A evolução] pessoal do aluno, vencendo cada etapa, cada medo, conseguindo fazer aquela coisa que para a a gente é simples mas que para ele foi... Então, é muito gostoso quando eles vão conquistando isso, né? E quando vão nos superando também." E4

"Várias pessoas que chegam aqui nunca nem subiu num trapézio, nem nunca entrou debaixo de uma lona de circo antiga e determinado tempo você vê que a pessoa está fazendo uma queda o tecido, fazendo um salto mortal, várias coisas, isso aí é sem palavras, não tem preço, já é a realização do trabalho." E9

Nessa perspectiva Castro (2007) define o circo como a arte de realizar proezas, enfrentar riscos, colocar-se à prova apenas pelo prazer de surpreender e encantar o público. Por sua vez, os novos riscos e proezas mais complexas demandam aperfeiçoamento, como foi citado em todas as “gerações”. Todas demonstraram consciência da importância dos estudos e aprimoramento do conteúdo, entretanto, o modo com que o aperfeiçoamento é sugerido muda entre elas. A primeira “geração” valorizou o estudo teórico enfatizando a questão acadêmica, já na segunda abrange um viés teórico e prático. Por fim, a terceira “geração” demonstra uma condição exclusivamente aos treinos e a prática:

"Qualquer lugar hoje que você vá dar aula não é simplesmente o circo em si, tipo, você tem que entender um pouco de... Sei lá, você tem que entender um pouco da pedagogia de tudo, você tem que saber lhe dar com a criança, até mesmo na escola... A teologia me ajudou muito em vários aspectos... Mas a parte da Educação Física, poxa... Melhor, a gente que trabalha com o corpo, a gente precisa entender um pouco de anatomia, um pouco de tudo, do corpo em si.... Estudar eu não vou parar, isso eu tenho certeza... Eu quero continuar, não que eu me arrependa de não ter feito antes, mas devido mesmo as dificuldades, a correria do dia a dia, espetáculo, dar aula, ensaia, apresentar, viaja e tal." E9

"Eu acho que a idéia é essa, é a gente sempre estar melhorando, sempre estar buscando... Estudar, isso a gente conversou os três, isso é para o resto da vida né. Se a gente quer mesmo manter, continuar, tem que estudar para o resto da vida." E3

"Eu ainda continuo um eterno pesquisador mesmo, existe algumas técnicas, que eu já estou conhecendo, conhecendo outras pessoas e estudos pessoais também, que são técnicas bem específicas da parada de mão.." E11

"Na minha opinião a minha formação é suficiente, mas de qualquer forma a gente sempre quer melhorar. Então, ao mesmo tempo que eu acho suficiente eu treino mais, cada vez mais, e busco coisas novas para buscar para eles." E7

"A minha [melhoria da parte da formação] eu tenho que treinar. Falo a verdade, eu preciso voltar a treinar porque a gente fica enferrujada né? Então, eu preciso voltar a treinar." E10

Essas diferenciações entre as "gerações" podem ter ocorrido por alguns fatores. No caso da primeira devido ao fato da socialização no meio circense e a prática ser rotineira no seu desenvolvimento pessoal e profissional houve maior valorização nos estudos teóricos que o acesso não era adquirido até então. Além disso, E9 discorre sobre a dificuldade dos estudos escolares em sua infância por conta da itinerância do circo em que vivia.

Por outro lado, a segunda "geração" já apresenta acesso maior a educação formal e nível de escolaridade, sendo maior parte deles graduados e graduandos no ensino superior, porém a vivência prática está distante da adquirida pela primeira "geração", valorizando assim tanto aspectos teóricos quanto prática.

Já a terceira "geração" aparenta maior valorização da parte prática por conta da sua menor experiência prática na área, sendo demonstrado pelo ano de início do contato com as atividades circenses, que foram os mais recentes, com exceção de E1. Assim, nessa "geração" a melhoria do ensino é pautada no saber prático.

A ludicidade foi uma questão muito recorrente no discurso dos entrevistados de todas as "gerações" e em todos os públicos:

"O circo ele tem essa coisa do lúdico do bonito, do artístico, que dá uma maquiada na atividade, então não deixa chato." E4

"A procura é, além de aprender uma modalidade circense, algo lúdico, vai se exercitar, ao mesmo tempo." E6

"Tem outros [alunos] que faz mais pela brincadeira, porque a aula tem que ser levada na forma de brincadeira. Não dá para ser outra forma. Então, tem outros que acompanham mais pela questão de estar brincando, de estar fazendo uma atividade diferente que é divertida." E8

"Pela criança, a criança vai nesse mundo lúdico, é o circo, apaixonada pelo circo." E9

Na literatura é descrita a relação com a ludicidade no mesmo sentido que encontramos com nossos entrevistados (BORTOLETO, PINHEIRO, PRODÓCIMO, 2011). Assis (2015), pontua essa relação da ludicidade com os familiares circenses, no caso desse estudo, referente a E9:

"Desde pequena na sociabilidade da criança com o mundo dos adultos ela experimenta a transmissão cultural dos saberes dentro da estrutura familiar circense: a partir dos três anos as crianças já vão entrando nos espetáculos e para elas é uma espécie de brincadeira que antecipa o mundo do trabalho, já que muito provavelmente elas serão artistas de circo. O palco se converte em espaço de brincar e aprender." (ASSIS, 2015, p. 18)

A ludicidade foi destacada em outros estudos como em Silva e colaboradores (2014) que desenvolveram um projeto de extensão com crianças da Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental do Rio Grande do Sul. Eles descrevem essa característica como importante no processo de aprendizagem, como é destacada na fala de uma das pedagogas entrevistadas dessa pesquisa: "Assim as crianças aprendem brincando o que deveria ser uma prática diária do professor". Além disso, afirmam que estimula a criatividade formando o conhecimento constituído e significativo.

Atividades circenses são realizadas por E2 e E10 também acontecem com a educação infantil e início do ensino fundamental. Essa prática é vastamente apoiada pela literatura. O objetivo primário nesse contexto não está ligado à formação de artistas, mas um tipo de atividade com conteúdo pedagógico para formação pessoal e corporal (DUPRAT & BORTOLETO, 2007; BORTOLETO, PINHEIRO, PRODÓCIMO, 2011; SILVA et al., 2014).

Além do mais, a coletividade foi demonstrada como importante aspecto para os entrevistados tanto entre os alunos, quanto entre os instrutores numa questão mais mercadológica.

"A galera é bem família mesmo, nesse sentido, todo mundo se ajuda, não tem aquela coisa de "É só eu aqui, eu faço o meu treino e não dou atenção para ninguém", não tem esse individualismo, com eles. A galera é bem unida nesse sentido assim." E3

"Eu não me considero... O pessoal que dá aula na Cidade do Circo como meus concorrentes, não, eles são meus amigos, a gente tá junto. E o pessoal que trabalha nessa área tem mais ou menos essa cabeça, não existe ninguém concorrente de ninguém, todo mundo é amigo, todo mundo trabalha junto." E6

Isso também é descrito pela literatura, diferentes estudos trazem o coletivo e a cooperação como fator relevante.

"Uma das primeiras lições que as crianças aprendem é que circo depende de um trabalho em equipe, mesmo que o número a ser apresentado seja individual." (RIBEIRO, 2009, p. 1)

"O circo se constrói sobre os valores familiares, sobre conceitos de integração entre as pessoas, sobre os valores de cooperação, de solidariedade, de produção de um saber coletivo." (SILVA et al., 2014, p. 91)

Há ainda esse mesmo sentimento na própria organização de encontros e convenções circense como descreve Fernandes, Ribeiro e Bortoleto (2016, p. 176):

"No que diz respeito à organização dos encontros, identificamos que ela ocorre coletivamente, em que cada um dos sujeitos colabora dentro de suas possibilidades, sem estruturação das funções e responsabilidades, e uma mesma pessoa pode assumir papéis diferentes de acordo com as necessidades. A organização 'horizontal', isto é, com base na troca e na ação voluntária fundamentam os dois encontros aqui estudados."

Por fim, o amor e a identificação com a arte do circo são demonstrados no discurso dos sujeitos, reiterando um aspecto poético da própria arte que o circo tem:

"Viver de arte o cara tem que ser doido, porque o cara não vai ficar rico, não vai ganhar dinheiro, então ele faz porque ama

né. Eu acho que... Eu falo por mim porque eu amo o que eu faço.” E3

“É um aprendizado muito bom dar aula, e eu, comparando com mas aulas de teatro que eu dou, me apaixonei mais em dar aula de circo.” E4

“Minha vida é o circo, eu sou circense, me considero professor e artista de circo...Trabalho, faço performance, tudo na área artística e circense.” E6

“Eu posso dizer, que nesse período, que deve ter durado uns três anos, mais ou menos nesse ritmo, eu vivia circo, respirava circo, comia circo, então, aquele período foi bem intenso para mim.” E8

Esse sentimento demonstrado pelos instrutores realça o apreço pela atividade exercida e que, conseqüentemente, reflete na maneira e intenção do ensino. Fortalece a cultura do circo, agrega valores e é importante na formação de pessoas.

As experiências relativas a “aprender a ensinar” demonstram uma tutoria ou orientação em alguns indivíduos da segunda “geração” e em todos da terceira:

“Eu aprendi a dar aula vendo o Rafa dar aula... Quando eu comecei a pensar em dar aula, eu comecei a fazer aula diferente, porque aí eu começo a fazer aula prestando atenção em todos os detalhes. Quando eu comecei a dar aula eu não comecei sozinha, porque eu nem tinha coragem de fazer isso, que é diferente do teatro, que o circo querendo ou não, tem um risco, principalmente aparelho, então, tem que ter cuidado. Então quando eu comecei a dar aula eu comecei a ir nas aulas com ele. Então, aí eu passava o alongamento, passava o aquecimento e via ele... né... e com os meninos também que acaba ao fazer aula.” E4

“Eles viram que eu queria levar isso como profissão eles começaram a ensinar... Eles me ensinaram a ensinar, então, e aí foi quando a Karina foi para o Rio e aí eu assumi a turma das crianças lá.” E7

“Era, mais ou menos, assim: a gente aprendia de manhã e ensinava a noite, não tinha muito, ainda, instrução. E pouco tempo eu já estava dando aula sozinho... Isso aí fez eu crescer para caramba, assim, na questão de experiência do que é dar aula ou, até mesmo, do que é o circo.” E8

“Comecei com meu irmão, ele tinha oficina e aí eu comecei como estagiária dele... Eu comecei a ensinar primeiro, não sabia muita coisa. Então, eu sabia mais ensinar, na verdade eu

auxiliava nas aulas, ele dava as aulas e eu ajudava com montagem, desmontagem de palco, brincadeiras, essas coisas. Quem dava no início a atividade era só ele. Mas depois, com o tempo, eu fui aprendendo.” E10

“Eu me lembro muito bem quando eu fazia aula lá e um dia um professor chegou para mim e falou “Começa a reparar também, como estudo, a maneira como os professores dão aula e como é dar aula... Antes mesmo de dar aula eu já observava como os professores seguravam, aonde ia a mão, e copiava até mesmo as falas deles assim, exatamente.” E11

Todos esses discursos refletem a ênfase na observação e prática de um terceiro para aprender a ensinar, notoriamente uma herança da primeira “geração” que exerceu influência determinante desse cenário em Ribeirão Preto. Isso modelou uma supremacia empírica nesse modo de aprendizagem, ocorrendo ainda por prática de terceiros:

“No começo eu não tinha muita base em portagem, então, para ensinar, eu não sabia como que portava, então conforme eu tive que ensinar você vai atrás de aprender como que faz, você observa, começa a observar as pessoas que fazem para você conseguir passar a técnica para as pessoas.” E1

“Minha formação de circo na verdade ela é empírica, através de amigos, de experiência eu vou aprendendo, conversando, criando, lendo, procuro algumas coisas assim, procuro ver vídeo também, mas eu nunca em nenhum curso de circo assim, formação para circo dentro da escola eu nunca fui não, eu acabo buscando referências da educação.” E2

E1 demonstra a necessidade e interesse para aprender a ensinar, e E2 enfatiza a necessidade do “como” ensinar.

A questão do “ensinar a fazer” em “VIVÊNCIAS DA PRÁTICA” merece certa atenção, a experiência inicial com o ensino das atividades circenses teve diferentes origens. E8, por exemplo, relatou a demanda naquele dado momento, por conta da expansão de projetos sociais abrangendo as atividades circenses foi necessária mão de obra na escola de circo em que frequentava:

“A gente começou a fazer aula, aí...estava bombando lá e eles não estavam dando conta porque eles tinham outros projetos, tinha em outros lugares. Eles estavam começando a fazer a escola acontecer, que antes eles viviam desses projetos e aí precisava da gente para ajudar na escola, aí a gente começou.” E8

Os projetos sociais foram muito relatados como início da atuação como instrutor de atividades circenses de primeira e segunda “geração”, o que pode ter relação com a demanda mencionada na citação anterior. Além disso, E2, E3, E6 e E11 são contemporâneos no início da atuação como instrutor, sendo iniciados em anos seguidos, demonstrando a expansão dessa atuação naquele momento:

"Fui para Ubatuba, e lá eu resolvi colocar uma oficina de circo minha de iniciação circense, e aí foi a primeira vez que eu dei aula de circo, num projeto social da prefeitura" E2

"Como instrutor eu comecei em dois mil e seis, que foi esse projeto [social] em Sertãozinho, que eu fiquei por quatro anos dando aula lá, entendeu?" E3

"Eu entrei na Cidade do Circo... Em menos de oito meses depois já estava trabalhando com o circo. Peguei projeto social para trabalhar, para dar aula e vem até hoje aí." E6

"Eu comecei mesmo [dar aula] com o projeto da prefeitura." E9

"Eu comecei [circo] no final de dois mil e sete, em março de dois mil e oito eu já comecei a dar aula numa ONG." E11

Apesar de, atualmente, nenhum dos entrevistados ter envolvimento das atividades circenses com o aspecto social, foi citado o conhecimento de pessoas com esse foco no cenário atual em Ribeirão Preto:

"O Fábio Brasileiro, o Fábio Brasileiro que tem levado a atividade circense para vários projetos sociais da cidade, trabalho fantástico." E6

"Tem o projeto social Marista, o centro social do Marista, onde a minha esposa dá aula." E9

O modo de ensino diferiu entre os entrevistados, o que remete a relação entre "referências" de "CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO" e "limitações" de "DINÂMICA DA SOCIEDADE". O fato é que as diferenças e embates entre as referências práticas e teóricas associadas às limitações encontradas no campo interferem diretamente no modo de ensino:

"Na verdade eu repassei da maneira o qual eu aprendi." E3

Essa frase de E3 realça a ênfase na referência prática adquirida, entretanto sugere condições de ensino semelhantes ao de seu aprendizado, o que é corroborado no seguinte discurso no momento em que cita “é o que a gente precisa”:

"A gente tem um pé direito de oito metros e meio de altura né. O salão é enorme... O espaço físico é o que a gente precisa." E3

Entretanto, essa realidade pode não ser encontrada no campo de trabalho. A valorização das referências práticas foi marcante no discurso da terceira “geração”, retomando a questão do tempo curto de formação e prática desses instrutores:

"A gente tem uma formação mais prática do que teórica... Eu voltei a fazer tecido por conta de aluno. Porque tecido nunca foi uma coisa que eu amasse de paixão, mas eu voltei a fazer tecido e praticar para poder ensinar para ele." E4

"Eu acho que eu aprendi muito na prática né. Essas coisas de teórico, teórico, teórico, teórico, não. Você tem que ir lá e “Quero aprender” então vai numa aula de circo e segue aquilo. Você pode até pesquisar, internet, livros, muita coisa, mas para mim o que você aprende, você aprende tudo na prática. Muito mais na prática do que teórico." E10

Apesar de também ser citado pela primeira “geração”, isso é tido como passado e, posteriormente, retoma a importância da referência teórica, que segue o sentido inverso do tempo desprendido pela terceira “geração”, sendo maior na prática num primeiro momento e valorizando agora a teoria.

"A gente sabia na prática, levantar a perna assim você vai conseguir fazer isso e isso, põe a mão assim e você vai fazer isso e isso. Não tinha teoria de tudo mas a prática a gente sempre tem... Eu descobri que a vida inteira, muitos e muitos exercícios eu não só aprendi errado, na ginástica olímpica como eu estava ensinando errado." E9

Da mesma maneira E1 ressalta a importância do conhecimento teórico aplicado ao prático, podendo ponderar os ensinamentos práticos aplicados até dado momento, no caso aspectos da Educação Física.

"Como a gente é graduando de Educação Física, a gente tenta passar o que a gente aprende na Educação Física com a arte circense que a gente vem vendo culturalmente, então a gente

tenta modificar algumas coisas, como o alongamento, no começo da aula tem que ser o alongamento, não, a gente acha que tem que ser um aquecimento, então a gente vai pegando o que a gente aprende vai tentando mudar algumas coisas que são culturais.” E1

Apesar da valorização das referências teóricas descritas por E1 e E9 nos discursos acima E6 reitera a deficiência do ensino formal e compara a aplicação das duas referências, teórica e prática.

“Nunca é demais, então, sempre uma busca por mais formação é sempre muito importante. Mas as vezes, eu vejo que dentro da faculdade o que eu estou aprendendo não chega nem aos pés do que eu aprendi na prática, na rua, porque a academia, a faculdade ela vai te dar um suporte até determinado teto, dali para lá é você que se vira.” E6

Essa pontuação descrita por E6 pode ser atribuído ao fato da teoria propor um recorte ideal de determinada aplicação e prática, entretanto, a realidade no campo pode diferir dos ideais e o conhecimento tácito se torna mais relevante. Alguns sujeitos da segunda e terceira “geração” descrevem essas divergências e possíveis melhorias:

“Eu queria muito mais colchão... queria mais colchão para a pessoa ficar treinando parada de cabeça, ficar treinando outras coisas enquanto não está usando aparelho. Eu ainda gostaria de poder equipar mais, ter mais colchão, ter colchão gordo, né. A gente tem um pouco de malabares também, mas é tudo muito reduzido, por não ter mesmo a verba para investir.” E4

“Lá ainda é muito limitado em questão de estrutura para ensino de circo. Tanto que a gente não consegue nem pegar outros tipos de modalidades que exijam, por exemplo altura, tipo aéreos. Então, meio que a gente ficou limitado a acrobacias de solo e acrobacias em grupo... Mas mesmo para essa modalidade é insuficiente. Nós temos só um chão de madeira com placas de EVA e então faltam colchões do tipo sarneige... O interessante seria se tivesse uma estrutura melhor de segurança e de espaço... Então, a estrutura lá pode melhorar muito.” E5

“Eu tenho que adaptar muita coisa. Inclusive a escola entrou em reforma esse ano. Então, eu tenho que limitar um espaço para eu poder usar. Eu dou aula no meio do pátio. Então essa parte é meio escassa... O ideal seria uma sala.” E10

Essas restrições podem desenvolver o “conhecer-na-ação”, de maneira que naquela realidade pode haver experimentação pedagógica espontânea sem expressão da linguagem falada, que gera assim o conhecimento tácito (DUARTE, 2003). Chiquetto e Ferreira (2008) descrevem a dificuldade de aquisição de material especializado por instituições públicas, no caso do estudo citando escola. Outras pontuações de limitações são descritas, porém se atem a questão de materiais, sendo possíveis mais materiais em quantidade e variedade, porém não tanto quanto limitantes estruturais. Essa preocupação com a segurança, destacando a questão dos colchões é muito compreensível e necessária, pois, o colchão é um equipamento indispensável para a segurança em algumas atividades circenses. Além do mais, as citadas placas de EVA (borracha Etil Vinil Acetato), podem aumentar a incidência de entorse por sua superfície de grande aderência apesar de absorção de impacto (FERREIRA, BORTOLETO, SILVA, 2015).

As entrevistas possibilitaram ainda dados sobre a renda desses instrutores o que condiz com a “tendências sociais” da “DINÂMICA DA SOCIEDADE”. Todas as “gerações” declaram que provém do circo a maior parte de suas rendas, um total de nove entrevistados, dois deles diferiram, apesar de um desses ter relação com o circo e teatro, trabalhando com a confecção de figurinos.

“Eu trabalho com costura, então, eu faço confecção de figurino e, por enquanto, de diversas outras coisas, eu ainda não me foquei em uma coisa só. Mas estou fazendo figurino também, tanto para teatro quanto para circo. Eu to trabalhando mais com a costura do que com o circo.” E7

O outro, em contrapartida, tem a renda majoritária sem nenhuma relação com as atividades circenses, e também foi o com maior intervalo entre o início da prática e início como instrutor. Isso pode sugerir uma relação entre esses fatos, pois, possui uma renda primária, o que possibilitou seu ingresso tardio como instrutor em relação aos outros entrevistados que ,a priori, dependem desse recurso oriundo do circo, seja com aulas ou apresentações.

“Eu tenho um emprego de quarenta horas semanais que é na verdade minha maior fonte de renda... E o circo acaba sendo um segundo trabalho, uma fonte alternativa de renda, apesar

de ser o meu foco profissional, então, eu ainda me vejo buscando uma independência na área que eu escolhi.” E5

A localização das instituições é melhor visualizada pela Figura 9, mapa das instituições de ensino construído no site do Google Maps.

Figura 9. Mapa da localização das instituições em que os entrevistados atuam. Fonte: construído a partir do site Google Maps (www.maps.google.com).

A distribuição das instituições em que os entrevistados atuam se apresenta na parte central, sul, leste e oeste, não houve nenhuma instituição na zona norte de Ribeirão Preto. Retomando o fato de que nenhum instrutor entrevistado citou atuar com o aspecto social das atividades circenses, isso pode estar relacionado à distribuição encontrada, visto que a zona norte tem potencial população de risco social, pois lidera o ranking de violência da cidade em 2016, correspondendo a cerca de 40% dos furtos e roubos do município, segundo site da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (<http://www.ssp.sp.gov.br>).

Ressaltamos que esse estudo se pautou em apenas onze instrutores de atividades circenses de toda a cidade, e, possivelmente, há a possibilidade haver outras instituições em locais não consultados, bem como na zona norte.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Eu ainda continuo um eterno pesquisador mesmo." E11

Essa frase de E11 reproduz muito do que motivou essa pesquisa, ou seja, buscar meios para promover e melhorar o campo das atividades circenses.

Partindo do questionamento inicial de como a prática das atividades circenses está inserida no contexto de Ribeirão Preto-SP, buscou-se angariar conhecimento para que as atividades circenses pudessem ser enriquecidas e alçar voos maiores. Nesse sentido, creio que o presente estudo cumpriu seus objetivos, pois evidenciou um recorte da realidade local.

Os dados elucidados no estudo demonstram que o circo em Ribeirão Preto-SP começa com a escolar de circo Cidade do Circo e os instrutores entrevistados seguem o fluxo exposto pelas referências, sendo, por exemplo, influenciados pelas escolas de circo como disseminadoras da cultural circense. Além disso, a internet apresentou papel importante na divulgação de conteúdos circenses, seja eventos, cursos ou técnicas.

Vivenciando nesse meio como profissional de Educação Física e instrutor de atividades circenses desde 2009 vejo que o ensino nas suas mais diferentes formas não deve ter um único método a se seguir, mas um contexto para se entender.

Além disso, mostrou-se que somente a prática pela prática, seja como aprendiz ou instrutor, não basta, é necessário agregar outras competências e conhecimento para se tornar um bom instrutor. Particularmente, muitos comentam da ação pedagógica, do ser pedagógico, de preocupar com "como" e "quem" ensina, além da técnica.

A partir disso, cada instrutor, educador e professor poderá fazer sua melhor escolha naquele momento e naquele contexto. Dessa maneira, o circo e suas atividades nas mais diferentes esferas serão sempre demandas na sociedade.

O presente estudo mostrou parte da realidade das atividades circenses em Ribeirão Preto. Apesar de se tratar de um recorte, é uma foto importante desse contexto e deveria instigar e inspirar profissionais e acadêmicos, seja para aprimorar a atuação ou estudos. Como próximos passos dessa caminhada iniciada poderemos buscar nos próximos estudos os projetos sociais citados, documentos sobre os fatos

relatados, bem como melhor caracterização e origem da escola de circo Cidade do Circo.

Espero, também, que sirva de referência e embasamento para aplicações práticas e acadêmicas. Para tanto, faz-se necessário maior divulgação desse e de outros materiais científicos e não científicos, teóricos e práticos, escritos e visuais para toda a comunidade circense e não circense, bem como a aproximação dos profissionais atuantes no campo e acadêmicos.

Todas as possíveis qualidades do circo como criatividade, expressão corporal, superação, autonomia, respeito, cooperação, capacidades físicas e consciência corporal, nos mais diferentes âmbitos, performáticos, bem estar, lazer, educacional ou social, sempre serão potenciais formativo para a sociedade, proporcionando assim, possibilidades a fim de melhorias sociais nos mais diferentes âmbitos.

O presente estudo apresentou algumas limitações visto que não abrangeu todos os instrutores de atividades circenses da cidade de Ribeirão Preto, assim como se pautou apenas nos instrutores e não em outros sujeitos atuantes no campo circenses, como artistas e produtores. Esses possíveis dados gerados com certeza dariam mais corpo e riqueza a teoria fundamentada. Além disso, os dados coletados possibilitariam inúmeras outras análises e focos que infelizmente não cabem neste trabalho.

Dessa maneira e muito bem acompanhado por E9 e Ermínia Silva, citada por Ribeiro (2009), afirmo confiante que o circo nunca acabará.

"Desde muitos a centenas de anos eles falam que o circo está acabando, está acabando mas não está e nunca vai acabar eu creio, pelo contrário, está ganhando mais força com a chegada do circo moderno... Objetivo maior é de dar continuidade na arte, não deixar morrer." E9

*"O circo não está desaparecendo. Ele só mudou de lugar."
(SILVA apud RIBEIRO, 2009, p. 1)*

Como discutiu o estudo, as atividades circenses seguem em crescimento e disseminação em Ribeirão Preto-SP, com inserção em diferentes meios e demonstra considerável procura por escolas de circo e demais instituições (ONGs, projeto de extensão universitária, escolar formal, academias e assessorial).

O modo de ensino baseado no “como aprendi”, enviesado pela prática, começa a ceder espaço para a preocupação com o ensino formal e certificações baseado em teoria e fundamentos pedagógicos. Em contrapartida, mesmo com cursos, oficinas e workshops pontuais e esporádicos, o acesso a isso ainda parece defasado e limitado.

Numa escala maior, há escassez e inacessibilidade aos cursos regulares com esses conhecimentos, ainda mais no Ensino Superior. Isso gera a urgência na educação formal voltado a esse campo, que eu outros países oferecem melhor organização e reconhecimento do governo, com componentes curriculares específicos.

Esse cenário se faz deficiente e não atende à demanda da nossa sociedade, visto a expansão que o campo circense vem demonstrando. Além da consciência de instrutores sobre a necessidade e importância de se buscar novos conhecimentos, pedagógicos, técnicos e de áreas afins com o circo.

Entretanto, essas mudanças só ocorrerão a partir de maior mobilização e união da classe do circo, dos artistas, dos instrutores, dos professores, dos acadêmicos, bem como dos órgãos responsáveis pela burocratização dessas mudanças.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, S. L. A., **Entre a Lona e o Picadeiro**: Aspectos da Educação no Mundo do Circo. Ensaio acadêmico (Disciplina Monografia IV) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal Fluminense. Angra dos Reis, 2015.

BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOLOGNESI, M. F. O circo na história: a pluralidade circense e as revoluções francesa e soviética. **REPERTÓRIO: Teatro & Dança**, Ano 13, n. 15, 2010. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/>. Acesso em: 01 abr. 2015.

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Corpoconsciência**, Santo André, v. 2, n. 12, p. 36-69, 2003.

BORTOLETO, M. A. C. (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. 1 ed. Jundiaí: Editora Fontoura, 2008. 272 p.

BORTOLETO, M. A. C. (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses vol.2**. 1 ed. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2010. 269 p.

BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. O tecido circense: fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 5, n. 2, p. 72-88, jul/dez 2007.

BORTOLETO, M. A. C.; PINHEIRO, P. H. G. G.; PRODÓCIMO, E. **Jogando com o circo**. 1 ed. Várzea Paulista: Editora Fontoura. 2011. 158 p.

CASTRO, A. V. A Arte do Insólito. **Circonteúdo**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2709:a-arte-do-insolito&catid=191:alice-viveiros-de-castro&Itemid=513. Acessado em 30 Set. 2016.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009, 272 p.

CHIQUELLO, E.; FERREIRA, L. A. O Ensino de Atividades Circenses para Alunos de 5ª. Série nas Aulas de Educação Física. **Motrivivência**. Ano XX, n. 31, p. 50-65, dez. 2008.

COSTA, A. C. P.; TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. N. Arte circense na escola: possibilidade de um enfoque curricular interdisciplinar. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 197-217, 2008.

CUNHA, L. E. S. **O show não pode parar: um retrato sobre a arte circense**. Memorial de projeto experimental - Jornalismo da UFV, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

DE GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. **Motriz Rev. Educ. Fís. (Impr.)**. v. 13. n. 3. p.158-164, 2007.

DUPRAT, R. M. **A arte circense como conteúdo da educação física**. Relatório Final (Iniciação Científica) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DUPRAT, R. M. **Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar**. 2007. 61 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DUPRAT, R. M. **Realidades e Particularidades da Formação do Profissional Circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior**. 345 f. Dissertação (Doutorado). UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

FERNANDES J. A. M., RIBEIRO, O. C. F., BORTOLETO, M. A. C. Lazer e Espaços Públicos: o circo como opção. **Licere**. Belo Horizonte. v. 19, n. 3, p. 165-184, 2016.

FERREIRA, D.; BORTOLETO, MAC.; SILVA, E. **Segurança no Circo: questão de prioridade**. Várzea Paulista, Ed. Fontoura, 2015. 240 p.

GARBIN, L. A história do circo, na Internet. **Circonteúdo**. 2009. Disponível em: http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1141:a-historia-do-circo-na-internet&catid=147:artigos&Itemid=505. Acessado em: 12 Out. 2016.

GARIJO, M. L. M. D.; IORIO, A. C.; ALBERGARIA, M. B. Tecido acrobático, interferência da sua prática no controle do estresse emocional. **FIEP Bulletin**, v.81, 2011.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research**. Piscataway: Aldine Transaction, 2007.

GOHN, M. G. Educação não-formal na pedagogia social.. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, . **Proceedings online...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acessado em: 04 Out. 2016.

HASSAN, A. P. O circo social e a possibilidade de construção de uma nova prática educativa para classes populares: um relato de experiência das percepções e vivências de educadores sociais.. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006,. **Proceedings online...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100005&lng=en&nrm=abn>. Acessado em: 29 Nov. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **IBGE** . Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/7JY>>. Acessado em: 20 Jul. 2016.

KRONBAUER, G. A.; NASCIMENTO, M. I. M. O circo e suas miragens: a Escola Nacional do Circo e a história dos espetáculos na produção acadêmica brasileira. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, n. 52, p. 238-249, set, 2013.

MATHEUS, R. I. C. **As Produções Circenses dos Ex-alunos das Escolas de Circo de São Paulo, na Década de 1980 e a Constituição do Circo Mínimo**. 407 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes. São Paulo. 2016.

MIRANDA, B., SANTOS, C. A., ARAUJO, C. A. S., ROMÃO, E. R., NUNES, J. G., ANDRADE, N. A. G. Qualidade de vida de crianças participantes do projeto circo da vida. In: **e-RAC**. v. 2, n. 1. 2012. Disponível em: <<http://www.computacao.unitri.edu.br/erac/index.php/e-rac/article/view/104/118>>. Acessado em: 20 Ago. 2016.

NUNOMURA, M., NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo. Phorte. 2005.

OLIVEIRA, R. B. **Atividades Circenses em Academias**: uma nova opção no âmbito do lazer. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Educação Física, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Rio Claro, 2008.

ORTAÑÓN, T.; DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física e atividades circenses: “o estado da arte”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 149-168, abr/jun, 2012.

PERIM, J. Circo social brasileiro – da ação educativa a produção estética. In: BORTOLETO, M. A. C. (Org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2010. p. 205-215.

PINES-JUNIOR, A. R.; SILVA, T. A. C.; LAZIER, T. R.; GONÇALVES, G. G. F.; LEÃO JUNIOR, C. M. O Circo Moderno: história, inovação e transição social. **FIEP Bulletin**, v.83, 2013.

RIBEIRO, P. Uma arte permanente. **Circonteúdo**. 2009. Disponível em: <http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1855:uma-arte-permanente&catid=147:artigos&Itemid=505>. Acessado em: 07 Ago. 2015.

SACCO, R. B.; BRAZ, T. V. Atividades circenses: caracterização das modalidades, capacidades biomotoras, metabolismo energético e implicações práticas. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 130-164, jan./abr. 2010.

SILVA, E. **As múltiplas linguagens da teatralidade circense: Benjamin de Oliveira e o circo-teatro no Brasil do final do século XIX e início do século XX**. 2003. Tese de Doutora. Doutorado em História – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2003.

SILVA, E.; ABREU, L. A. **Respeitável público... o circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

SILVA, D. O., CARAMÊS, A. S., TELLES, C., KRUG, H. N. O circo na escola: um relato de experiência dos professores. **Revista Didática Sistêmica**, v. 16, n. 2, p. 84-92. 2014.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998. 145 p.

SOARES, D. B., BORTOLETO, M. A. C. A Prática do Tecido Circense nas Academias de Ginástica da Cidade de Campinas-SP: o aluno, o professor e o proprietário. **Revista Corpoconsciência**. Santo André, v. 15, n. 2, p. 07-23. 2011.

SOARES, C. L.; MADUREIRA, J. R. Educação física, linguagens e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 75-88, 2005.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria Fundamentada**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, 288 p.

SUGAWARA, C. **Figuras e quedas para corda lisa e tecido: fundamentos**. 1 ed. São Paulo: Phorte Editora, 2008. 108 p.

TAKAMORI, F. S.; BORTOLETO, M. A. C.; LIPORONI, M. O.; PALMEN, M. J. H.; CAVALLOTTI, T. D. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: um relato de experiência. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2010.

TORRES, A. **O circo no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE; São Paulo: Atração, 1998.

TORRES, T. G. O. **Artes Circenses: acrobacia coletiva coo conteúdo da educação física escola no ensino médio**. 2015. 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Centro Universitário de Brasília. Brasília. 2015.

TUCUNDUVA, B. B. P.; MOLINARI, C. I. Artes circenses na UTFPR: relato de proposta pedagógica multidisciplinar. In: V Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2010, Campinas/SP. **Anais do V Fórum Internacional de Ginástica Geral**. Campinas: FEF/UNICAMP, 2010.

TUCUNDUVA, B. B. P.; PELANDA, P. E. L. Circofitness: proposta pedagógica de trabalho com as acrobacias das atividades circenses. **FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL**, 6., 2012, Campinas. Anais... FEF/Unicamp, 2012. p. 319-326.

WEED, M. Research quality considerations for grounded theory research in sport and exercise psychology. **Psychology of Sport and Exercise**, v.10. p.502-510, 2008.

WERNECK, J. N. **Reflexões sobre processo de ensino-aprendizagem nas artes da lona**. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Artes Cênicas, Departamento de Artes Cênicas, Universidade de Brasília. Brasília. 2015.

10 ANEXOS

10.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Arte Circense Contemporânea: análise do ensino*

Pesquisador responsável: Profa. Dra. Myrian Nunomura

Universidade de São Paulo – USP

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP

Avenida Bandeirantes 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP

(16) 3315-0358

Prezado (a) colaborador (a),

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa intitulado: “ARTE CIRCENSE CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DO ENSINO”, sob a responsabilidade de Myrian Nunomura (Docente e pesquisadora da Escola de Educação Física e Esportes de Ribeirão Preto – EEFERP/USP).

O objetivo deste estudo que você está sendo convidado a contribuir é identificar e analisar o ensino da arte circense contemporânea. Como o conteúdo é proposto, quais estratégias e métodos de ensino são usados.

Será entregue a você uma via do TCLE. E para a obtenção dos dados será realizada uma ou mais entrevistas, que seguirão um roteiro de perguntas elaborado previamente e, de acordo com as respectivas respostas, o entrevistador poderá conduzir a discussão para o assunto de seu interesse. Assim, podemos dizer que esse tipo de entrevista possui perguntas abertas e fechadas. A previsão do tempo de cada entrevista é de aproximadamente 60 minutos. As entrevistas serão agendadas pelo pesquisador em local e horário conveniente para você, e o local das entrevistas deverá ser distante de ruídos. As entrevistas serão realizadas no local de ensino, residência ou por meio de software de comunicação via internet, como SKYPE e serão gravadas em meio digital e depois transcritas integralmente e organizadas através de método de análise específico (Teoria Fundamentada). Após

* A distinção do título comparado ao presente trabalho ocorreu por conta do momento em que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos participantes, o título inicial do trabalho, anterior a sua alteração

a conclusão do estudo, os dados serão descartados no prazo de quatro anos. Durante o processo de coleta dos dados você estará livre para responder o que desejar, de modo que não lhe cause nenhum desconforto.

O entrevistador tentará minimizar, ao máximo, qualquer desconforto e não insistirá em perguntas indesejáveis. Eventualmente e a qualquer momento, a pergunta ou a entrevista poderá ser interrompida ou anulada a seu critério, caso entenda que seja inoportuna e/ou inconveniente. Você poderá consultar os dados coletados, e terá acesso ao estudo e sua identidade preservada. É seu direito solicitar informações sobre os riscos e os benefícios relacionados à sua participação e, em caso de dúvidas, os devidos esclarecimentos serão prestados. Você tem liberdade para abandonar o estudo a qualquer momento, sem que isso lhe cause prejuízos. O estudo utilizará pseudônimos para manter seu sigilo e sua privacidade. Além disso, não há riscos previsíveis neste estudo e os benefícios poderão ser elucidados ao término do estudo, quando o trabalho será apresentado ao participante. Assim, o participante poderá gozar de todo o conhecimento gerado na pesquisa para diferentes enfoques na sua área de atuação, como identificação de problemáticas existentes e geração de dados para o direcionamento de políticas públicas, bem como novos projetos e pesquisas, que podem resultar em maior desenvolvimento da área. Haverá garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa conforme Leis vigentes no país.

Após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto minha participação no presente estudo.

(nome e assinatura do participante)

(_____), ____/____/____

(Local, data)

Assinatura do pesquisador principal (Fernando Eidi Yoshimura)

Contato com pesquisador principal:

e-mail: fernando.yoshimura@usp.br / telefone: 16 - 98129-7733

Contato com pesquisador orientador:

e-mail: mnunomur@usp.br / telefone: 16 - 3315-0358

Contato CEP/EEFERP: e-mail: cep90@usp.br / telefone: 16 - 3315-0494

10.2 Questionário

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

QUESTIONÁRIO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ENTITULADO "ARTE
CIRCENSE CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DO ENSINO"

Questionário ____	
Nome da instituição	
Endereço	
Nome do entrevistado	
Tempo em que ocorrem aulas de atividades circenses na instituição	
Responsável	
Formação do responsável	
Formação do (s) instrutor (es)	

10.3 Roteiro da entrevista

Nesse anexo é importante frisar que o roteiro da entrevista, além de delinear alguns apontamentos dos entrevistados, também foi o memorando das entrevistas. Ele não era apresentado aos entrevistados, permanecia todo tempo em posse do entrevistador para organização dos dados coletados e suas respectivas anotações.

Frase inicial: conte-me sobre sua experiência com as atividades circenses.

Tópicos a serem explorados:

- Formação
- Tempo como instrutor
- Atividades circenses ensinadas
- Objetivos do ensino
- Público
- Estrutura
- Recurso humano
- Referencias
- Alguma outra questão relevante sobre essa temática
- Outros locais de ensino